



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA

Daniel De Martino Ucedo

**A percepção de fonoaudiólogos sobre a compreensão oral e o papel da
expressividade**

Florianópolis

2023

Daniel De Martino Ucedo

A percepção de fonoaudiólogos sobre a compreensão oral e o papel da expressividade

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Fonoaudiologia na atenção à saúde.

Orientadora: Profa. Ana Paula de Oliveira Santana, Dra.

Coorientadora: Profa. Ana Carolina De Assis Moura Ghirardi, Dra.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ucedo, Daniel De Martino

A percepção de fonoaudiólogos sobre a compreensão oral e o papel da expressividade / Daniel De Martino Ucedo ; orientadora, Ana Paula de Oliveira Santana, coorientadora, Ana Carolina De Assis Moura Ghirardi, 2023.
83 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós Graduação em Fonoaudiologia, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Fonoaudiologia. 2. compreensão. 3. expressividade.
I. Santana, Ana Paula de Oliveira. II. Ghirardi, Ana Carolina De Assis Moura. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia.
IV. Título.

Daniel De Martino Ucedo

A percepção de fonoaudiólogos sobre a compreensão oral e o papel da expressividade

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 18 de setembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Claudia da Silva, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Ana Paula Mendes Couceiro Figueira, Dra.
Universidade de Coimbra

Karoline Pimentel dos Santos, Dra.

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Fonoaudiologia.



Documento assinado digitalmente
Ana Carolina de Assis Moura Ghirardi
Data: 29/11/2023 14:41:10-0300
CPF: ***.854.248-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Documento assinado digitalmente
Ana Paula de Oliveira Santana
Data: 29/11/2023 18:13:17-0300
CPF: ***.368.783-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Ana Paula de Oliveira Santana, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2023.

Dedico este trabalho à minha família e aos meus colegas
fonoaudiólogos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por ser a fonte da minha fé, ter promovido um equilíbrio espiritual e emocional, em um período de altos e baixos durante o mestrado, e por me permitir chegar na reta final.

À minha mãe, minha avó, meu avô (*in memoriam*) e ao meu irmão, que sempre me incentivaram e me apoiaram a estudar e a crescer na vida pessoal, profissional e acadêmica, mesmo com as minhas oscilações de humor.

Ninguém consegue nada sozinho nessa vida. Tenho muita gratidão à minha orientadora Ana Paula, que me trouxe o apoio necessário para elaborar, construir e finalizar a pesquisa apresentada nesta dissertação. Além disso, o seu jeito humano de ser fez com que esse processo fosse mais leve. Isso contribuiu para a mudança de meu pensamento, me trouxe confiança, e me permitiu compreender que posso ser capaz de prosseguir nos estudos, mesmo com minhas dificuldades acadêmicas, bem como aprender a driblá-las.

À minha coorientadora Ana Carolina, por ter aceitado o convite desafiador de relacionar os estudos da voz aos estudos de linguagem, pelas contribuições relativas ao tema da expressividade e à construção da metodologia.

Às professoras do Programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia da UFSC, pelo notável envolvimento, compromisso e participação no ensino e pesquisa da fonoaudiologia no Brasil.

Por fim, às fonoaudiólogas que aceitaram participar deste estudo. Sem elas, não seria possível a realização deste trabalho, tampouco contribuir para as discussões sobre avaliação da compreensão oral na Fonoaudiologia.

RESUMO

Introdução: no Brasil, ainda há poucas pesquisas sobre compreensão oral, principalmente relacionadas à expressividade. A expressividade é compreendida por meio de recursos vocais, aspectos verbais e não verbais. Isso significa que tanto aspectos linguísticos como não linguísticos são importantes para o processo da compreensão. No entanto, nem todos os instrumentos para avaliação da compreensão oral fazem menção à expressividade do avaliador durante o processo avaliativo. **Objetivo:** Este trabalho objetiva analisar a percepção de fonoaudiólogos sobre o conceito de compreensão oral e sua relação com a expressividade a partir da ideia de multimodalidade de linguagem. **Metodologia:** esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, de busca ativa, não probabilística, com amostragem Bola de Neve, pautada em entrevistas semiestruturadas de seis fonoaudiólogos participantes, com experiência e atuação em linguagem. A coleta de dados da pesquisa ocorreu em uma cidade do médio vale do Itajaí, em Santa Catarina. As entrevistas foram gravadas e transcritas e, posteriormente, analisadas a partir da Análise de Conteúdo. **Resultados:** foi possível verificar que, para o grupo de fonoaudiólogos participantes da pesquisa, o conceito de compreensão oral está associado à audição e à linguagem receptiva, enquanto a expressividade, por sua vez, está associada ao uso de gestos e expressões faciais. Observou-se ainda que a maioria dos sujeitos faz mais uso de avaliação informal do que de protocolos fechados, havendo relatos de insatisfação com a sua avaliação da compreensão oral. Além disso, foi unânime o relato de insegurança em avaliar o processo de compreensão oral após o de graduação. Ressalta-se que, durante as entrevistas, houve a necessidade de explicações e detalhamentos para orientar os entrevistados em relação a questões propostas. Tal necessidade não se deu em virtude do formato das perguntas em si, mas sim das relações que precisavam ser estabelecidas a respeito dos conceitos de compreensão e expressividade para se compreender o objeto das perguntas. **Conclusão:** a partir da análise feita, observa-se que a compreensão oral é pouco estudada em comparação à expressão oral. Por essa razão, o conceito de compreensão é restrito e o papel da expressividade nesse processo é pouco considerado. Ademais, subentende-se que a avaliação da compreensão oral pelos participantes fundamenta-se, preponderantemente, na prática clínica, muitas vezes afastada de uma teoria subjacente, o que pode implicar a insegurança da prática do profissional relatada. Dessa forma, observa-se a necessidade de mais pesquisas sobre compreensão oral que considerem a expressividade do avaliador e do avaliado no processo da compreensão oral.

Palavras-chave: compreensão; linguagem; voz; fonoaudiologia.

ABSTRACT

Introduction: in Brazil, there is still little research on oral comprehension, mainly related to expressiveness. Expressiveness is understood through vocal resources, verbal and non-verbal aspects. This means that both linguistic and non-linguistic aspects are important for the process of understanding. However, not all instruments for evaluating oral comprehension make mention of the evaluator's expressiveness during the evaluation process. **Objective:** this work aims to analyze the perception of speech therapists on the concept of oral comprehension and its relationship with expressiveness based on the idea of language multimodality. **Methodology:** This is a qualitative research, active search, non-probabilistic, with Snowball sampling, based on semi-structured interviews with six participating speech therapists, with work experience in clinical language. Research data collection took place in middle Itajaí valley city, in Santa Catarina. The interviews were recorded and transcribed and subsequently analyzed using Content Analysis. **Results:** it was worth noting that for participants in this research, the concept of oral comprehension is associated with hearing and receptive language, while expressiveness, in turn, is associated with the use of gestures and facial expressions. It was also observed that most subjects make more use of informal assessment than formal protocols, with reports of dissatisfaction with their oral comprehension assessment. Furthermore, there was a unanimous report of insecurity in evaluating the oral comprehension process after graduation. It should also be noted that, during the interviews, there was a need for explanations and details to guide the interviewees in relation to the proposed questions. This need was not due to the format of the questions themselves, but rather to the relationships that needed to be established regarding the concepts of comprehension and expressiveness to understand the object of the questions. **Conclusion:** From the analysis carried out, it is observed that oral comprehension is little studied in comparison to oral expression. For this reason, the concept of comprehension is restricted and the role of expressiveness in this process is little considered. Furthermore, it is understood that the assessment of oral comprehension by participants is based, predominantly, on clinical practice, often far from an underlying theory, which may lead to the insecurity of the professional's reported practice. Therefore, there is a need for more research on oral comprehension that considers the expressiveness of the evaluator and the person being evaluated in the oral comprehension process.

Keywords: comprehension; language; voice; speech-language-hearing pathology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cronotopo na clínica fonoaudiológica.....	28
Figura 2 – Expressividade na fonoaudiologia	35
Figura 3 – O impacto da máscara na compreensão das emoções	36
Figura 4 – Comunicação por um perspectiva Gestalt.....	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Parâmetros dos aspectos expressivos.	35
Quadro 2 – Caracterização de Movimentos Faciais Superiores.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	<i>Applied Behavior Analysis</i>
ADL	Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem
CNDSS	Comissão Nacional de Determinantes Sociais da Saúde
DSS	Determinantes Sociais de Saúde
DEL	Distúrbio Específico de Linguagem
DENVER	Modelo Denver de Intervenção Precoce
LHE	Lesão no hemisfério esquerdo
PECS	<i>Picture Exchange Communication System</i>
PROC	Protocolo de Observação Comportamental
Prompt	<i>Prompts for Restructuring Oral Muscular Phonetic Targets</i>
SENA	Sistema de estimulação Neuroauditiva
TEA	Transtorno do Espectro Autista
VB-MAPP	<i>Verbal Behavior – Milestones Assessment and Placement Program</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. OBJETIVOS	19
2.1. OBJETIVO GERAL	19
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
3. REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1. INTRODUÇÃO	20
3.2. A COMPREENSÃO NA CONCEPÇÃO BAKHTINIANA.....	21
3.3. AS IMPLICAÇÕES PARA PRÁTICA FONOAUDIOLÓGICA.....	24
3.4. IMPLICAÇÕES DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA PARA A AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM	26
3.4.1. O CONCEITO DE EXPRESSIVIDADE.....	30
3.4.1.2. A RELAÇÃO ENTRE EXPRESSIVIDADE E SIGNIFICAÇÃO.....	30
3.4.1.3. EXPRESSIVIDADE E FONOAUDIOLOGIA.....	30
4. METODOLOGIA.....	41
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	43
6. MANUSCRITO.....	44
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	76
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	78
ANEXO I – ESTRUTURA DO MANUSCRITO	83

1 INTRODUÇÃO

Independentemente da perspectiva teórica adotada, é certo afirmar que nós, fonoaudiólogos, passamos horas estudando e analisando a linguagem dos nossos pacientes e nos colocando como “juízes” sobre a forma como eles se expressam e como compreendem o mundo por meio da linguagem. Por isso, nesta pesquisa, tomarei como ponto de observação a percepção dos profissionais fonoaudiólogos para discutir a compreensão oral e o papel que a expressividade ocupa nesse âmbito linguístico na clínica fonoaudiológica.

Assim, nesse primeiro momento compartilho as motivações que me levaram à realização desse trabalho. A incitação de um estudo que unisse a temática da linguagem compreensiva à expressividade nos estudos da fonoaudiologia partiu da minha própria dificuldade de me comunicar, que foi se aperfeiçoando com a profissão. Nesse lugar, passei a me questionar sobre qual seria o impacto da minha expressividade no processo de avaliação da linguagem, principalmente no âmbito da compreensão oral, fosse por meio de testes ou através das interações no contexto de avaliação informal da linguagem.

A investigação inicial sobre a questão aditada às discussões acerca da compreensão oral, fomentadas pelo projeto de pesquisa da professora Ana Paula Santana, levou-me à consideração de que há alguns estudos sobre expressividade, e isso se reflete em uma maior presença dessa temática no magistério, e há poucos estudos sobre compreensão oral. No entanto, a relação entre compreensão oral e linguagem expressiva ainda é parcamente posta em pauta na fonoaudiologia.

Nesse cenário, entende-se que a restrita produção científica acerca do tema possa vir a impactar a prática clínica fonoaudiológica e, conseqüentemente, a avaliação e reabilitação de sujeitos com alterações linguístico-cognitivo. Desse modo, faz-se relevante a discussão sobre o papel da expressividade do fonoaudiólogo no processo da avaliação da compreensão expressiva. Assim, a presente pesquisa objetiva se aprofundar nos conceitos de compreensão bakhtiniana para discutir a percepção do fonoaudiólogo sobre o papel de sua expressividade no processo da avaliação da compreensão oral.

Para isso, como ponto de partida, faz-se necessário resgatar, historicamente, os estudos sobre a temática desta pesquisa. O enfoque sobre a compreensão e

produção ganhou notoriedade nas primeiras pesquisas no campo da afasiologia. Entre o final do século XIX e o início do século XX, com base nas correntes localizacionistas, que correlacionavam áreas corticais com as funções de linguagem, deu-se início a discussão sobre a linguagem compreensiva e expressiva com os descritos de Broca (1861) e Wernicke (1873), (LURIA, 2015). Nesse período, estudos de Jackson defenderam uma visão mais holística da compreensão e das funções psicológicas relativas ao cérebro, que foram de encontro aos pensamentos localizacionistas da época (LURIA, 2015).

No período entre 1937 e 1941, Luria, conhecido como o “pai” da neuropsicologia, realizou seus primeiros trabalhos em neuropsicologia no Instituto Neurológico da Academia de Medicina, com pacientes que sofreram lesões cerebrais (LURIA, 2015). Luria foi discípulo de Vygotsky e abandonou os estudos behavioristas para se aprofundar sobre a psicologia histórico-cultural, dando continuidade aos estudos de seu mestre após a sua morte por tuberculose. Nesse viés, Luria criou uma teoria sobre organização cerebral das funções psicológicas superiores que envolvia fatores biológicos e sociais, que incluem aspectos histórico-culturais (LURIA, 2015), promovendo, assim, mais uma vertente das alterações neurológicas de linguagem. De acordo com o autor, funções superiores, como a linguagem, por sua complexidade, podem não se limitar a apenas a uma área cortical restrita, mas sim ser integradas, de modo colaborativo, por diferentes áreas do cérebro.

Assim, observam-se diferentes neurologistas envolvidos com o estudo da linguagem, alguns sob um olhar mais dicotômico, pautado na relação entre área de Broca (produção) e área de Wernicke (compreensão), outros sob um olhar mais holístico ou dialético (histórico-cultural) acerca da localização das funções mentais superiores. No entanto, contemporaneamente, sabe-se que a compreensão é uma função complexa e que várias áreas do cérebro participam desse processo e não somente a área de Wernicke (córtex auditivo primário, giro temporal superior esquerdo, giros temporal médio e inferior esquerdo — processamento fonológico e processamento léxico-semântico), tais como o lobo temporal anterior (palavras mais concretas e contextuais), hemisfério direito (metáfora e prosódia), pré-frontal dorsomedial esquerdo e córtex cingulado posterior (processamento de texto), e área temporal-occipital inferior adjacente (uma rede mais extensa para o reconhecimento semântico) (ARDILA; BERNAL; ROSSELLI, 2016).

Nesse cenário, convém apontar que os estudos cerebrais contemporâneos sobre a linguagem interessam não apenas à neurologia, mas são interdisciplinares a várias áreas, especialmente à Psicologia, à Linguística e à Fonoaudiologia. Sobre isso, ressalta-se que a Fonoaudiologia iniciou suas ações muito antes da formação dos cursos de graduação na década de 60. Anteriormente a esse período, realizaram-se ações, por professores, no campo educacional, motivadas por questões políticas, linguísticas, educacionais e de saúde, por meio da correção dos ditos desvios padrão de linguagem, visando a um país mais hegemônico e higienista (BERBERIAN, 2007). Com o tempo, foi se constituindo como profissão ligada ao campo da saúde, tendo como origem uma tríade constitutiva de saberes: a medicina, a linguística e a psicologia. É dessa junção que ecoam diferentes teorias sobre a linguagem, tais como teorias comportamental, cognitivista, gerativismo ou por um modelo histórico-cultural (COSTA et al., 2021).

Neste trabalho consideram-se os estudos da linguagem perpassados por ações político-ideológicas (BERBERIAN, 2007). Dessa forma, esta dissertação fundamenta-se numa concepção de linguagem de caráter dialógico, social e subjetivo (COUDRY, 2001; UCEDO; SANTOS; SANTANA, 2017; SANTANA; SANTOS, 2017; BORDIN; FREIRE, 2018; COUDRY, 2018; SANTOS; SANTANA, 2019; NOVAES-PINTO, 2020). Assim, incorporam-se a este trabalho os postulados do Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2021), uma vez que pesquisas na interface Fonoaudiologia/Linguística/Educação aproximam-se dos conhecimentos da Filosofia de Linguagem, assentados em uma perspectiva enunciativo-discursiva (COUDRY, 2001; UCEDO; SANTOS; SANTANA, 2017; SANTANA; SANTOS, 2017; BORDIN; FREIRE, 2018; COUDRY, 2018; SANTOS; SANTANA, 2019; NOVAES-PINTO, 2020). Nessa perspectiva, compreende-se aqui a linguagem à luz de uma perspectiva bakhtiniana, como forma de análise dialógica, tendo como base o conceito de compreensão ativo-responsiva, e que busca sua constituição nas mais diversas formas de significação humana. Nesse ínterim, a expressividade ganha destaque central nos processos de significações (VOLÓCHINOV, 2021).

A fundamentação teoria proposta neste trabalho vai de encontro aos trabalhos publicados sobre compreensão, geralmente apoiados em uma perspectiva dicotômica entre produção e compreensão e que se utilizam de estratégias descontextualizadas. Tais estratégias, afastam-se de um olhar mais amplo para a subjetividade e história

de vida dos sujeitos (FUGIWARA; NOVAES-PINTO, 2013). A partir do século XXI, questões sociais já vêm sendo consideradas, o que pode ser evidenciado pelos estudos que envolvem os determinantes sociais da saúde¹ (idade, sexo, escolaridade, cor da pele, renda, emprego/trabalho, moradia/residência, contexto de violência, qualidade de vida e aspectos culturais etc.) relacionados a pesquisas fonoaudiológicas (CEBALLOS; CARDOSO, 2009; ROCHA; ROCHA; LEMOS, 2017; KRUEL; SOUZA, 2018; MOREIRA et al., 2020). Do mesmo modo, variações sociodemográficas (idade e escolaridade) vêm sendo aplicadas aos testes neuropsicológicos da linguagem (FONSECA, 2006; KOEHLER et al., 2012; SOARES-ISHIGAKI, 2012; SAMPAIO; MOREIRA, 2016; AKASHI; ORTIZ, 2018) que também apresentam esses aspectos como variável. Contudo, é importante ressaltar que as questões ideológicas, enunciativas, subjetivas, vinculadas a questões histórico-sociais, nem sempre fazem parte dos estudos sobre cognição e linguagem. Nesse âmbito, a expressividade depende de diferentes variáveis, como a esfera ou campo de atividade humana. Isso influencia o tipo de gênero de discurso utilizado, como o estilo, a forma composicional e o tema, de modo que impacta e afeta a compreensão do ouvinte.

O termo expressividade vem sendo mais utilizado na área da voz (VIOLA; GHIRARDI; FERREIRA, 2011; NETTO, 2013; SILVA; PENTEADO, 2014; SANTOS; SILVA, 2016; NEIVA, GAMA, TEIXEIRA, 2016; PEDROTTI; BEHLAU, 2017; PENTEADO; PECHULA, 2018; SANTOS; FERREIRA, 2019; RUSIG; RAYMONDI; PALLADINO, 2021). Isso porque os estudiosos da linguagem utilizam outras terminologias para o tema: linguagem multimodal (NÓBREGA; CALVALCANTE, 2012; FONTE; COSTA, 2017; CAVALCANTE, 2018; SUGAHARA et al., 2022), comunicação/linguagem não verbal, semioses não verbais (SOUSA; LEAL; SENA, 2010; SANTOS; SILVA, 2016). Nesse sentido, os pesquisadores que mais têm se dedicado a esses estudos pesquisam situações que envolvem pessoas com restrição de oralidade, por meio do método de Comunicação Alternativa (FERREIRA et al., 2017) ou mesmo bebês em processo de aquisição de linguagem, considerando-se

¹ No Brasil, a Comissão Nacional de Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) baseou-se no modelo de Determinantes Sociais de Saúde (DSS) de Dahlgren e Whitehead, que abrange diferentes níveis e camadas: proximal (individual – idade, sexo, hereditariedade), intermediários (estilo de vida e comportamento) e distal (social – redes comunitárias e de apoio) em relação às situações e iniquidades de saúde (BRASIL, 2008).

que, nessa fase, a linguagem não verbal é a mais desenvolvida (NÓBREGA; CALVALCANTE, 2012; CAVALCANTE, 2018).

Contudo, a expressividade não se refere apenas aos aspectos não verbais da linguagem, mas também aos verbais, como bem-dito nas palavras de Penteado e Pechula (2018):

Na perspectiva da Fonoaudiologia, a expressividade integra aspectos e recursos verbais, vocais, não verbais e pausas. Os recursos verbais são as palavras, a seleção dos vocábulos, a construção frasal, o texto. Os recursos vocais compreendem qualidade vocal, tipos de voz e os parâmetros e recursos vocais, tais como pitch (sensação de frequência); loudness (sensação de intensidade); velocidade; articulação; ressonância; modulação; coordenação pneumofonoarticulatória (PENTEADO; PECHULA, 2018, p. 155).

Nessa mesma linha, para Santos e Ferreira (2020), a expressividade pode ser observada e classificada a partir de recursos vocais (qualidade vocal, *pitch*, *loudness* e ressonância), aspectos verbais (articulação, pausas, velocidade de fala, ênfase, construção da fala, planejamento da fala e leitura) e aspectos não verbais (movimentos dos olhos, lábios e sobrancelhas, contato visual, expressão das emoções e movimentos corporais e gestuais).

Historicamente, a inserção dos trabalhos com expressividade na fonoaudiologia se deu, principalmente, no telejornalismo (PENTEADO; PECHULA, 2018). Nesse sentido, os estudos fonoaudiológicos se diferenciam da área da psicologia, que traz temáticas relativas à comunicação assertiva e à comunicação não violenta (RUSIG; RAYMONDI; PALLADINO, 2021). Sobre isso, é válido mencionar que a expressividade é campo de trabalho interdisciplinar e pode envolver várias áreas (Fonoaudiologia, Linguística, Jornalismo, Psicologia, dentre outros) (SILVA; PENTEADO, 2014; SANTOS; SILVA, 2016; NEIVA, GAMA, TEIXEIRA, 2016; PEDROTTI; BEHLAU, 2017; PENTEADO; PECHULA, 2018; SANTOS; FERREIRA, 2019; RUSIG; RAYMONDI; PALLADINO, 2021; GORI; SCHIATTI; AMADEO, 2021; SILVA; SANTANA, 2021).

No campo específico da Fonoaudiologia, nós, Fonoaudiólogos, atuamos com reabilitação, consultoria e aperfeiçoamento da comunicação humana em relação a todas as faixas etárias, entre as suas atuações, com avaliação da linguagem oral (CFFa, 2002). No entanto, há uma lacuna em relação ao papel da expressividade, especificamente ao conceito de compreensão.

Na Fonoaudiologia Educacional, por exemplo, há poucos estudos que discutem a compreensão oral, e estes se referem apenas à sua relação com a compreensão escrita (BARBOSA et al., 2015; TEIXEIRA et al., 2016; PELOSI et al., 2018). Não há trabalhos que apresentem uma discussão nesse campo envolvendo a expressividade e a compreensão oral, por exemplo. Por sua vez, na clínica, ainda, há poucas pesquisas sobre o assunto (HEGE; PEREIRA; ZORZI, 2012; TARVAINEN; LAUNONEN; STOLT, 2021; ACOSTA-RODRIGUEZ; RAMIREZ-SANTANA; HERNÁNDEZ-EXPÓSITO, 2022).

Assim, neste trabalho, destaca-se a relação entre os estudos sobre avaliação da compreensão oral com os estudos da expressividade. Nesse contexto, laçaram-se os seguintes questionamentos de pesquisa para a compreensão do tema desta dissertação com enfoque no atendimento ao público infantil: como a compreensão tem sido conceituada pelos profissionais da fonoaudiologia? Quais meios avaliativos têm sido utilizados por esses profissionais? Esses profissionais sentem segurança em avaliar a linguagem compreensiva oral a partir de sua formação? De que forma o fonoaudiólogo tem considerado o papel da expressividade no processo da compreensão oral? Considerando-se esses questionamentos, elaboraram-se os objetivos geral e específicos deste trabalho.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

– Analisar a percepção de fonoaudiólogos sobre a compreensão oral e a sua relação com a expressividade oral.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o conceito de compreensão oral e expressividade conforme os princípios da fonoaudiologia;
- Analisar a percepção de um grupo de fonoaudiólogos sobre a compreensão oral na sua prática clínica;
- Analisar os métodos de avaliação da compreensão oral com base nos relatos dos fonoaudiólogos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. INTRODUÇÃO

O estudo da compreensão é complexo e não envolve apenas compreensão de uma palavra isolada ou mesmo de frases compostas por orações, ou seja, está para além da “decodificação” do significado. Em adição às questões acústicas, fonológicas, estrutura frasal, significados das palavras organizado em sequência, representações proposicionais, modelos mentais, intenção do interlocutor, o contexto do discurso apresenta-se de modo relevante para que a seleção interpretativa de um enunciado seja realizada pelas diferentes possibilidades interpretativas de uma mesma frase/oração (BISHOP, 2014).

Ainda, o conceito de compreensão refere-se ao processamento da informação linguística, um fenómeno complexo envolve ativação simultânea de processamentos *bottom-up* e *top-down*, (BEFI-LOPES; TOBA, 2012). Sobre os processamentos *bottom-up* e *top-down* na compreensão, Dawes et. al. (2019) explicam que:

de modo geral, a linguagem compreensiva é a habilidade de entender a fala, palavras escritas, sentenças e discursos. A efetiva compreensão do discurso envolve uma significativa contribuição dos processos de *top-down* e *bottom-up*. Informações provenientes do contexto ambiental e social, conhecimentos prévios e experiências, devem ser integradas na ordem para construção de um modelo mental (DAWES et al., 2019, p. 276, tradução nossa)².

Ou seja, o processo *bottom-up* seria o processamento da informação linguística de menor unidade partindo da representação fonológica e significado das palavras, com a interação do processamento *top-down*, que parte do contexto e conhecimentos gerais prévios para gerar uma interpretação (BISHOP, 2014).

Acrescenta à discussão acerca da complexidade que a envolve a noção de linguagem compreensiva, o estudo de Tarvainen, Launonen e Stolt (2021), no qual os autores afirmam que a compreensão se articula a diferentes aspectos de linguagem como: vocabulário receptivo, semântica, gramática receptiva (sintaxe, morfologia),

² “Broadly, language comprehension is the ability to understand spoken and written words, sentences, and discourse. Effective comprehension of discourse involves a significant contribution from both top-down and bottom-up processes. Information from the environmental and social context, prior knowledge and experiences, must be integrated in order to build a mental model.” (DAWES et al., 2019, p. 276).

narrativas etc. (TARVAINEN; LAUNONEN; STOLT, 2021). Nesse viés, discute-se a compreensão oral, principalmente relacionada aos aspectos verbais, embora seja indiscutível que outras questões da expressividade (corporal e vocal) fazem parte desse processo e foram, durante muito tempo, desconsideradas.

Na Fonoaudiologia, a compreensão oral pode ser considerada como sinônimo de expressões como linguagem receptiva ou compreensão da linguagem falada, sem grandes diferenças entre eles (Tarvainen, Stolt e Launonen (2020). Nesse cenário, observa-se que o conceito de compreensão não tem sido discutido no seu aspecto teórico na literatura nacional, embora seja um tema presente na avaliação e terapia da linguagem na atuação fonoaudiológica. Sobre isso, é possível afirmar que os estudos no campo da compreensão são poucos, e pesquisas sobre déficit de linguagem enfatizam mais a linguagem expressiva do que a compreensiva (ACOSTA-RODRIGUEZ; RAMIREZ-SANTANA; HERNÁNDEZ-EXPÓSITO, 2022), muito embora - ressalta-se aqui -, problemas relacionados à compreensão oral possam ocorrer devido a diferentes fatores.

Conjectura-se aqui, que, talvez, devido à sua complexidade, os estudos sobre a compreensão oral ainda sejam um desafio para a produção científica, principalmente no campo da fonoaudiologia por ser uma profissão considerada nova que supostamente ainda está no início do desbravamento científico.

3.2. A COMPREENSÃO NA CONCEPÇÃO BAKHTINIANA

Nesta seção, apresenta-se a concepção de compreensão e de expressividade com base na filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2020; VOLÓCHINOV, 2021), e nos pressupostos teóricos de Luria (LURIA, 2015; 2017). Essas reflexões constituem as bases da Neurolinguística Discursiva (COUDRY, 2001) e fundamentam este trabalho.

Para discutir compreensão e expressividade, parte-se de uma concepção de linguagem que permeia esses dois processos. Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2021), como um dos pioneiros da discussão de análise marxista para resolver problemas de Filosofia da Linguagem, em seu livro sobre Marxismo e Filosofia da Linguagem, critica as concepções mecanicistas e positivistas com base na ciência da ideologia, por não haver questões tangíveis e mutáveis em outras perspectivas de linguagem.

A problemática de Bakhtin (2021) sobre o processo de compreensão iniciou-se com base em sua análise dos estudos realizados pelos filólogos-linguistas da época, que se distanciaram da ideia de análise dos enunciados como reais e concretos. Esses, realizavam estudos da língua com base em análises isoladas dos enunciados de textos escritos, considerando o processo de compreensão totalmente passivo, caracterizado, apenas, como percepção do signo linguístico (VOLÓCHINOV, 2021). Nesse sentido, Bakhtin (2021) criticou os linguistas e filólogos com o seguinte enunciado:

toda a sua posição em relação ao sentido e ao tema da palavra está impregnada dessa falsa concepção da compreensão como ato passivo – compreensão da palavra que exclui de antemão e por princípio qualquer réplica ativa (VOLOCHINOV, 2021, p. 100).

Assim, na perspectiva bakhtiniana, a compreensão é vista como ato ativo e se afasta de teorias que se fundamentam em metodologias que tendem a caracterizar o processo de compreensão como passivos. A compreensão passiva é entendida quando o outro não tem um papel ativo durante o processo da comunicação e considera, nesse processo, apenas estudos das estruturas linguísticas e não do campo ideológico.

Nessa perspectiva, durante a interação, o ouvinte se torna um falante após ou durante a fala do interlocutor, na medida em que tal ouvinte trabalha na construção do sentido de forma ativa, sendo responsivo durante o diálogo (BAKHTIN, 2020). Para Bakhtin:

qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo deve conter já o germe de uma resposta... A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (VOLÓCHINOV, 2021, p.135).

A compreensão ativa-responsiva pelo ouvinte pode surgir durante ou, inclusive, desde a primeira palavra do falante, que podendo gerar uma resposta imediata em voz alta ou silenciosa, de forma tardia ao que foi ouvido (BAKHTIN, 2020). Essa compreensão tardia pode, também, estar relacionada ao tipo de gênero discursivo e sua complexidade relacional e cultural (BAKHTIN, 2020).

Dessa forma, compreende-se que, durante o ato comunicativo discursivo, o falante também espera que o ouvinte possa apresentar uma compreensão responsiva

e participante real da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2020). Nas palavras de Valóchinov (2021, pg. 135): “*compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra*”. De outro modo, o ato compreensivo é formado em conjunto entre o locutor e o interlocutor que, durante o processo de comunicação discursiva, trocam de posição continuamente, visto que o próprio enunciado do falante é gerado com base em resposta aos seus ou de outros enunciados que antecedem seu ato de fala (BAKHTIN, 2020).

E é nessa troca de posição que se entende o papel da expressividade para a manutenção do discurso, ou pela motivação gerada pelas expressividades do ouvinte (NOTA; TRUJILLO; HOLLER, 2021), ou pela compreensão através da percepção dos aspectos verbais (tema, forma composicional e o estilo), não-verbais (olhares, gestos, sons vocais, dentre outros) e ideológicos, que causam impacto no ouvinte pelo enunciado transmitido pelo falante. Por isso, nesse estudo a palavra “expressividade” se diferencia do termo “expressão” (oração de um enunciado), pois o enfoque não está na análise linguística propriamente dita pelo falante, mas no como ela afeta e impressiona o ouvinte e influência no processo da compreensão ativa-responsiva em um determinado tempo e espaço histórico de um ato comunicativo.

Nesse sentido, a troca de posição durante o processo do ato comunicativo se dá a partir da alternância entre sujeitos, que se constituem a partir dos enunciados pertencentes à unidade da comunicação discursiva. Essa troca ocorre no diálogo como uma réplica viabilizada pela compreensão ativa e responsiva entre os sujeitos do diálogo (BAKHTIN, 2020). Desse modo, o processo comunicativo do diálogo consiste em um ato dinâmico, composto por enunciados ditos (e não ditos) pelo falante, que, a partir de sua conclusibilidade, possibilita a resposta pelo ouvinte, o qual, por sua vez, torna-se falante, na alternância entre sujeitos. Assim, o ouvinte toma a posição de falante após a conclusibilidade do sujeito do discurso que determina o fim do seu enunciado. Nas palavras de Bakhtin:

a conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quer dizer em dado momento ou sob dadas condições. Quando ouvimos ou vemos, percebemos nitidamente o fim do enunciado, como se ouvíssemos o “dixe” conclusivo do falante... O primeiro e mais importante critério de conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de responder... (BAKHTIN, 2020, p. 35).

Nessa perspectiva, importa refletir sobre o lugar do silêncio na interação entre o fonoaudiólogo e o paciente, na medida em que a expressividade não se constitui, apenas, como um recurso verbal, mas também precisa ser compreendida na sua dimensão não verbal. O papel do silêncio para o discurso já vem sendo objeto dos estudos de Orlandi (2007)), que articulam o silêncio como processo de significação do "não dito" ao funcionamento da linguagem e da compreensão do discurso. Considera-se, portanto, que, no diálogo, o silêncio significa. Ele tem uma posição no discurso.

Ribarac (2020) analisa o silêncio/não dito, no curta metragem *The Fallow*, referente à obra de Wong Kar-Wai, por um olhar da análise do discurso. O autor ressalta o conceito de voz(es) de Bakhtin, por representar discursos alheios, o que pode estar presente no silêncio como expressão (RIBARAC, 2020). Segundo ele,

O silêncio pode estar associado à censura, ao proibido ou à ética. Em nosso caso, o silêncio combina-se com outros elementos, como o secretismo, a moral, a solidão, a indefinição de um limite verbal, a incomunicabilidade da intimidade do sujeito. O silêncio adquire muitas formas diferentes entre as quais a imagem do silêncio interior. As vinculações constituídas a partir do silêncio demonstram a complexidade da trama poética estruturada em torno deste componente (RIBARAC, 2020, p. 253).

Em pesquisa realizada no *setting* terapêutico do ambiente hospitalar, Santos et al. (2022) revelam que o silêncio pode causar, nos estagiários de psicologia, inquietação, angústia entre outras sensações. No entanto, na interação entre sujeitos, o silêncio pode revelar outros sentidos e, inclusive, implicar uma fala não verbalizada. Santos et al. (2022) apontam a escassez de estudos na psicologia sobre o silêncio, enfatizando a importância dessa temática.

3.3. AS IMPLICAÇÕES PARA PRÁTICA FONOAUDIOLÓGICA

Como exposto previamente, este estudo assenta-se na concepção de linguagem Bakhtiniana, que considera a dialogia e os estudos do discurso em situações reais e concretas, em relação a aspectos culturais e sociais da linguagem. Segundo Volóchinov (2021), para se estudar a linguagem, deve-se considerar a sua materialização durante os processos dialógicos, formados por enunciados entre um locutor e interlocutor, bem como a língua mutável pela história e a cultura do povo.

Nessa perspectiva, o círculo de Bakhtin promove um diálogo que se opõe a metodologias que não consideram os estudos da linguagem em relação aos contextos histórico e social, relativos ao espaço, tempo e a pessoa na interlocução, como as produções científicas consagradas (STELLA; BRAIT, 2022).

Ao encontro de Bakhtin, Coudry (2001), pesquisadora pioneira na área de Neurolinguística Discursiva, também faz uma crítica aos linguistas e filósofos da linguagem que concebem a dicotomias linguísticas, excluindo o sujeito e os contextos de interpretação. A autora, desse ponto de vista, compreende a linguagem como constituída por critérios históricos, culturais e políticos. Para ela:

é necessário, portanto, superar dicotomias como língua e fala, sistema e uso, competência e performance para integrar em uma concepção abrangente de linguagem o seu funcionamento, na dimensão contextual e social em os homens, por ela, atuam sobre os outros, na dimensão subjetiva em que, por ela, os homens se constituem como sujeito, na dimensão cognitiva em que, por ela, os homens atuam sobre o mundo estruturando a realidade (COUDRY, 2001, p. 47).

Ao considerar as dimensões sociais, pode-se afirmar que não existe uma língua neutra, mas sim ideológica. Nesse sentido, há relação entre língua e “poder”, inclusive em uma perspectiva política e aplicada ao cotidiano, nas interações face a face. Assim, não se fala o que se quer, quando e como quer (FIORIN, 2020). Nesse viés, as relações dialógicas entre sujeitos interdependem da consciência de classe, da posição hierárquica, da intimidade e de um contexto relacional, inclusive na clínica fonoaudiológica. Conforme Bakhtin:

a diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles diferem entre si dependendo da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidades entre os participantes da comunicação (BAKHTIN, 2020, p. 39).

Ao considerar a relevância do contexto social, essa concepção de linguagem baseia-se na ideia de que o sujeito é constituído nas suas interações sociais. Segundo Chnaiderman (2016), por meio da linguagem, o sujeito modula a formação da imagem do eu, de modo que as interações dialógicas se mostram como condição essencial para a construção da identidade dos sujeitos. Isso porque a língua proporciona a possibilidade de interação e práticas sociais por meio dos discursos e faz a ponte do sujeito com a sua cultura (SANTANA; BERGAMO, 2005). Ou seja, a linguagem

proporciona a imersão do sujeito em sua cultura, o que pode envolver diferentes práticas de significação e que, portanto, implicam diferentes formas de atividades cognitivas, de raciocínio e de pensamento. Isso foi apontado pelos estudos histórico-culturais de Luria (2015; 2017).

Luria (2015) enfatizou a influência das condições sociais, culturais e práticas de vida na dimensão cognitiva, tendo por base os estudos de Vigotski (1998) desde o final do século passado. Para Luria, a forma de vida e o ambiente são determinantes para o desenvolvimento dos processos mentais, desde as primeiras relações sociais. Assim, as primeiras exposições ao sistema linguístico promovem o desenvolvimento sócio-histórico da consciência (LURIA, 2017).

Com isso, pode-se afirmar que há formas distintas de pensar e raciocinar, dependendo da cultura a qual o sujeito pertence. Luria (2017) critica a Teoria do Evolucionismo. Conforme o autor, embora Charles Darwin pudesse explicar, de modo plausível, a evolução do desenvolvimento dos animais, sua teoria seria inaplicável para a compreensão do desenvolvimento mental humano.

3.4. IMPLICAÇÕES DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA PARA A AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM

Um conceito importante do Círculo de Bakhtin é a exotopia, pois o avaliador-fonoaudiólogo é aquele que interpretará o processo de compreensão do sujeito-paciente no ambiente clínico-terapêutico. Para Amorim (2021), a exotopia, como uma atividade criadora, denota uma situação de um lugar exterior, ou seja, um sujeito tenta captar, entender e ver como o outro, como um retratado observado pelo fotógrafo.

Com isso, pode-se dizer que, a todo momento, durante a avaliação, o avaliador-fonoaudiólogo busca interpretar os processos de linguagem como alguém que vai a uma exposição de arte e procura compreender o que aquele retrato significa, mas a partir do seu olhar técnico-especializado. Para Amorim (2021), seria como se fosse "*tentar observar um retrato que Picasso fez de uma de suas mulheres, Dora Maar*" (p. 97). Ou, assim como uma fotografia que traz a ideia de acabamento em um determinado tempo (AMORIM, 2021).

Sendo assim, a exotopia é interligada ao conceito de cronotopo, que seria a dimensão de tempo e espaço, sendo o primeiro a temporalidade, o movimento, a transformação; já o segundo, um ensaio, cenário ou lugar (AMORIM, 2021).

Carneiro e Villarta-Neder (2018) analisaram a série *The Following* a partir dos conceitos bakhtinianos de cronotopo e exotopia. Para os autores,

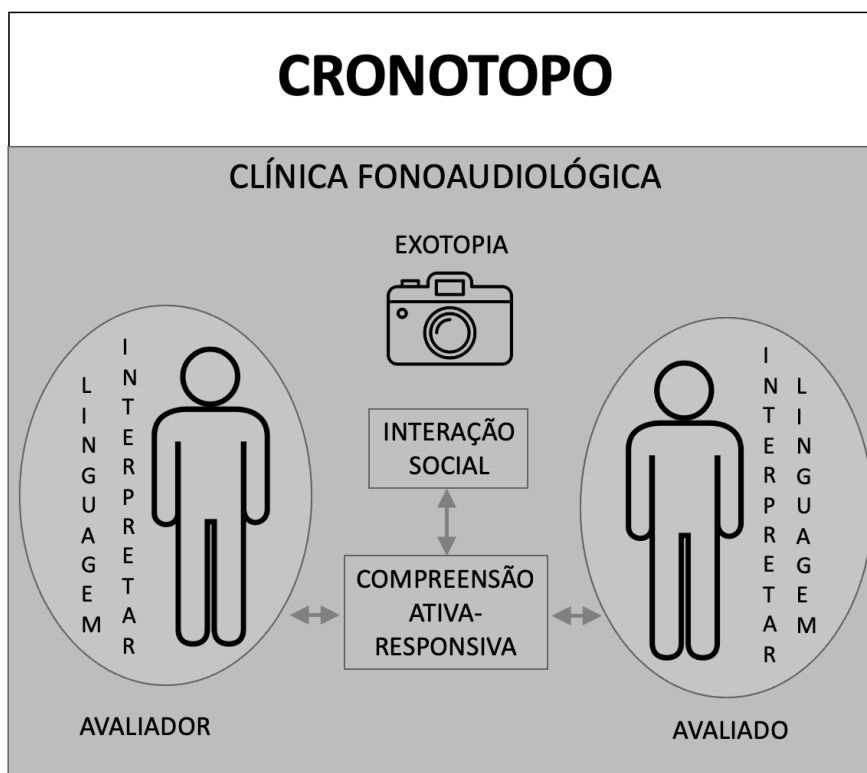
a) cronotopo: diria respeito às questões espaço-temporais que criam sentido em um acontecimento ou história, pois as cenas acontecem em um determinado tempo e lugar, que não podem ser pensados isoladamente por serem constitutivos de um enredo e fundamentais para um desfecho (CARNEIRO; VILLARTA-NEDER, 2018);

b) exotopia: diria respeito ao acabamento que o um sujeito (outro) realiza do outro (eu) para se ter uma visão de si mesmo, mesmo que esse acabamento seja incompleto, por ambos necessitam um do outro se para se enxergarem (CARNEIRO; VILLARTA-NEDER, 2018).

A partir desses conceitos, a clínica fonoaudiológica é vista como um cenário clínico-terapêutico que acontece em um lugar determinado (uma sala, um consultório), em uma determinada temporalidade, em que o fonoaudiólogo avaliará e fotografará os processos fonoaudiológico. Assim, haverá uma interpretação de fora dos comportamentos manifestados pelo sujeito-avaliado com base em uma interação social.

Sendo assim, no cenário da clínica fonoaudiológica, o paciente necessita do fonoaudiólogo para compreender melhor seus sintomas e queixas, e, ao mesmo tempo, o fonoaudiólogo necessita do sujeito-paciente para se constituir como avaliador. E é nessa interação social que ocorre a comunicação discursiva e a compreensão ativa-responsiva.

Figura 1 – cronotopo na clínica fonoaudiológica



Fonte: Elaborada pelo autor.

Pensar essas questões para a avaliação da linguagem é repensar o próprio papel do fonoaudiólogo para a compreensão, em relação à produção da linguagem e ao impacto dos sentidos construídos na interação com seu paciente. Essas questões somente começaram a ser consideradas na Fonoaudiologia ao término do século passado (COUDRY, 2001).

A partir do final do século XX, pesquisadores na área da fonoaudiologia se aproximaram dos estudos das ciências humanas e apropriam-se dos estudos da linguagem de caráter mais holístico, para compreender a linguagem como fruto da interação social, mediada por práticas discursivas (SANTANA; SANTOS, 2017). Nessa época, os estudiosos das patologias da linguagem (MORATO; 2000; COUDRY, 2001; MORATO, 2016; SENHORINI, et al., 2016; SANTANA; SANTOS, 2017; BORDIN; FREIRE, 2018; COUDRY, 2018; FEDOSSE et al., 2019) fundamentaram-se nos estudos de Vigotski (1998) e na neuropsicologia histórico-cultural (LURIA, 2015/2017), que partiram de avaliações naturalísticas, considerando os hábitos da população, realizadas ora em casa de chá, ora em acampamentos nos vales ou em

montanha, ao redor de fogueiras, com base em uma conversa do cotidiano, a fim de afastar-se de testes padronizados e artificiais.

...não utilizamos teste psicométricos padronizados; trabalhamos exclusivamente com testes desenvolvidos especialmente, testes com significado para os indivíduos e abertos a diversas soluções, cada um deles indicando algum aspecto da atividade cognitiva.” (LURIA, 2017, p. 36).

Utilizou-se essa estratégia metodológica nos estudos de Luria (2015), na Ásia Central, nos países de Uzbequistão e Khirgizia, com cinco grupos de mulheres que não possuíam formação de Ensino Superior. Esse estudo teve como objetivo identificar as transformações no processo de pensamento, acarretadas pela mudança social e tecnológica, vivenciadas por pessoas oriundas de sociedades iletradas, não tecnológicas e tradicionais (LURIA, 2015).

Baseada nesses pressupostos, a neurolinguística discursiva (COUDRY, 2001; COUDRY, 2010) inicia críticas sobre avaliações relativas apenas a testes que se concentravam em atividades metalinguísticas descontextualizadas (nomeações, ditados, cópias, identificação de agramaticalidade da língua, repetição de palavras, dentre outras) (FOSSE; SANTANA, 2002).

Coudry (2001) criticou os testes que se basearam, apenas, em tarefas metalinguísticas, por artificializarem a linguagem em situações descontextualizadas, o que poderia provocar “erro” durante o processo avaliativo. Nesse contexto, os testes avaliativos, geralmente de caráter psicométricos, pouco consideram a expressividade do avaliador e, inclusive, do avaliado. Por exemplo, há instruções dos testes que envolvem ordens para que se esconda a expressividade do avaliador, como o *token test*, que pede ao avaliador para cobrir a boca durante a avaliação da compreensão oral (SANTOS et al., 2022). Talvez pelo motivo de que, ocultando a boca, o avaliado enfocaria sua avaliação apenas nos aspectos formais da língua, gerando pistas “facilitadoras” ou, inclusive, consideradas como não linguísticas.

A reflexão sobre essas questões leva ao aprofundamento da compreensão das interações face a face, bem como sobre o conceito de multimodalidade de linguagem, expressividade e subjetividade (SANTANA; SANTOS, 2017; BORDIN; FREIRE, 2018).

3.4.1. O conceito de expressividade

3.4.1.2 A relação entre expressividade e significação

Conforme Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2021), o estudo da significação é um dos mais complexos. O significado de um enunciado está relacionado ao seu tema, ou seja, ao sentido da totalidade do enunciado (VOLÓCHINOV, 2021). O tema, assim como o enunciado, é único, individual e irrepetível. Além disso, é pronunciado em uma situação histórica concreta e que jamais poderá ser igual, embora seja a mesma oração já que o contexto, o momento e os interlocutores modificam o sentido dos enunciados (VOLÓCHINOV, 2021). Já os significados, que não contempla o tema da enunciação, são repetíveis e idênticos a si mesmo, ao contrário do tema (VOLÓCHINOV, 2021).

Pode-se relacionar a significação à expressividade, verbal e não verbal, no processo da compreensão. Zhang et al. (2021) esclarecem que a compreensão é multimodal. Ela vai além dos aspectos linguísticos *strictu sensu* e se amplia para aspectos não verbais, como a prosódia, gestos e movimentos da boca, dentre outros. Os autores criticam estudos que investigam as pistas multimodais isoladamente para avaliar a compreensão, reprodução de tarefas e materiais que não refletem situações de interação real e natural (ZHANG et al., 2021). Isso porque as pistas não verbais podem gerar pistas de previsão das unidades linguísticas (sons, palavras, frases, ambiguidade) (ZHANG et al., 2021), o que revela que o processo da compreensão não deve se limitar, apenas, aos processos verbais, mas também incluir aspectos não verbais (ZHANG et al., 2021).

3.4.1.3 Expressividade e fonoaudiologia

A atuação fonoaudiológica sobre a expressividade está relacionada aos aspectos verbais, vocais e não verbais (VIOLA; GHIRARDI; FERREIRA, 2011; NEIVA, GAMA, TEIXEIRA, 2016; BORREGO; BEHLAU, 2018; SANTOS; PENTEADO; PECHULA, 2018; FERREIRA, 2019).

A expressividade é importante, pois potencializa a produção do sentido e da subjetividade, por meio dos aspectos vocais, verbais e não verbais. A expressividade atribui valores, atenção, percepção, afetividade (PENTEADO; PECHULA, 2018).

Portanto, a expressividade influencia a significação dos enunciados, pois tem seu papel no processo de compreensão durante um ato comunicativo. Nesse sentido, a expressividade é relevante para as ações fonoaudiológicas em qualquer esfera de trabalho (SANTOS; SILVA, 2016). No entanto, os estudos fonoaudiológicos sobre expressividade, no campo da voz profissional, a respeito da atuação do aperfeiçoamento e da assessoria em comunicação, ocorrem, majoritariamente, no telejornalismo (SILVA; PENTEADO, 2014; SANTOS; SILVA, 2016; NEIVA, GAMA, TEIXEIRA, 2016; PENTEADO; PECHULA, 2018; SANTOS; FERREIRA, 2019). Desse modo, esses estudos estão relacionados, principalmente, à atuação com os profissionais da voz, como radialistas, atores, professores etc. (SANTOS; SILVA, 2016; PEDROTTI; BEHLAU, 2017; RUSIG; RAYMONDI; PALLADINO, 2021), bem como à assessoria e ao aperfeiçoamento da comunicação de cantores, atores, jornalistas etc. (SANTOS; SILVA, 2016).

Assim, pode-se dizer que a trajetória da atuação fonoaudiológica, na expressividade, iniciou-se no telejornalismo. Isso ocorreu no início na década de 70, tendo sua expansão ao final da década de 80 e início da década de 90, principalmente devido à atuação fonoaudiológica ao telejornalismo na emissora da Rede Globo, em busca de construir um perfil comunicativo "preferido" (PENTEADO; PECHULA, 2018). Por esse motivo, Penteado e Pechula (2018) compreendem o conceito de expressividade, influenciada pelo telejornalismo, para fins de aprimoramento vocal e comunicacional e concluem a sua importância para a formação teórica e prática por fonoaudiólogos em disciplinas profissionalizantes.

Penteado e Ghirardi (2017) também apontavam escassez de trabalhos científicos sobre o conceito de experiência em relação à educação fonoaudiológica no jornalismo e que não se encontram consolidadas. E os poucos trabalhos publicados ainda advêm de cursos, oficinas e vivências, especificamente de projetos de pesquisa e extensão de maior caráter tecnicista e organicista em relação à saúde vocal, e não de caráter educacional.

No tocante aos temas e conteúdos trabalhados, predominam: Expressividade e Saúde Vocal (100%); Anátomo/fisiologia da Fonação ou Produção da Voz, Aquecimento/Desaquecimento Vocal, Exercícios Vocais e Psicodinâmica Vocal (57% cada um deles) (PENTEADO; GHIRARDI, 2017, p. 493).

Assim como outras profissões que sofrem modificações com o tempo, houve mudanças do ambiente de trabalho no jornalismo. Anteriormente, havia um cenário fixo, com uma bancada e olhar fixo para câmera. Contemporaneamente, há a visibilidade do corpo inteiro do apresentador, o que faz surgir a demanda e a necessidade de o fonoaudiólogo atuar com a expressividade corporal, juntamente aos recursos vocais e verbais (SILVA; PENTEADO, 2014).

A expressividade não verbal tem sido tomada como sinônimo de comunicação não verbal e pode influenciar as relação dialógicas (sinais vocais, gestos, olhar, postura, expressões faciais e características físicas), de forma positiva ou negativa (SANTOS; SILVA, 2016). Santos e Silva (2016) ressaltam que o fonoaudiólogo, geralmente, atua com apenas 38% da expressividade não verbal, que são os aspectos vocais. E que, ainda, mantém a tendência de fragmentar e reduzir a voz, esquecendo-se da integridade dinamismo e complexidade da produção vocal em situações dialógicas (SANTOS; SILVA, 2016).

Sobre isso, a pesquisa de Rodrigues, Medeiros e Teixeira (2018) revelou que as características de qualidade vocal neutra, de pitch grave e de velocidade de fala lenta foram consideradas mais agradáveis, motivadoras e que chamavam mais atenção, em comparação às características de articulação de fala imprecisa, rugosidade e sopro.

Gama e Teixeira (2016), por sua vez, ressaltam a importância de se estudar a comunicação não verbal como um todo. Os autores pesquisaram, de forma longitudinal, as mudanças dos recursos vocais e gestuais após o treinamento fonoaudiológico sobre a "expressividade vocal e corporal para falar bem no telejornalismo" aos estudantes de jornalismo, que simulavam a passagem de reportagem para televisão. A avaliação dos recursos vocais foram: análise perceptivo-auditiva, expressão geral, curva melódica, ênfases, pausas, *pitch*, *loudness*, velocidade de fala, ressonância e articulação; e dos recursos gestuais foram: postura corporal, gestos, movimentos de cabeça e expressão facial (NEIVA, GAMA, TEIXEIRA, 2016).

Já a respeito da diferenciação dos estudos da comunicação, Rusig, Raymondi e Palladino (2021) trazem a perspectiva da comunicação de origem da psicologia, que seria a comunicação assertiva (emocional) e a comunicação não violenta (empatia e autoestima), visto que o trabalho da expressividade orais e corporais têm base os

estudos da fonoaudiologia. As autoras identificaram que, em relação à formação de *coach* e o trabalho em comunicação não violenta, não havia a presença de um profissional fonoaudiólogo-tutor, que poderia ser importante para a formação sobre a comunicação (RUSIG; RAYMONDI; PALLADINO, 2021).

Outro estudo, realizado com dois grupos do universo do empreendedorismo, que seriam do grupo dos executivos (1) e do grupo de operacionais (2) buscou investigar a autoavaliação do comportamento comunicativo (PEDROTTI; BEHLAU, 2017). O protocolo de autoavaliação do comportamento comunicativo pelas autoras, baseado na busca de literatura, envolviam: comportamento vocal (voz, tom, volume, velocidade), modo respiratório (nasal, oral, misto), entonação (expressiva, monótona, regular), comportamento comunicativo (sotaque, articulação, gestual, contato visual, desinibição, duração do discurso, recursos audiovisuais e objetividade) (PEDROTTI; BEHLAU, 2017). Ao comparar a autoavaliação dos dois grupos, o estudo revela a diferença de importância dos comportamentos comunicativos. Enquanto o primeiro grupo se preocupa mais com os aspectos vocais; o segundo grupo se preocupa mais com o domínio do conteúdo, o aspecto verbal.

Ainda no âmbito corporativo, Netto (2013) apontou que, frente à expansão do mercado de trabalho, pessoas com melhores habilidades comunicativas podem ter mais chances de emprego, uma vez que não é preciso, apenas, ter conhecimento, mas saber expressar-se de forma adequada (NETTO, 2013). Na pesquisa de Netto (2013) com professores, que também são vistos como oradores, analisou-se o conhecimento desses profissionais sobre as habilidades de linguagem e de comunicação. A partir dessa pesquisa, os professores conseguiram analisar os pontos fracos a serem melhorados, valorizando a fonoaudiologia como uma ciência que pode auxiliar o desenvolvimento de habilidades comunicativas (NETTO, 2013).

Borrego e Behlau (2018) mapearam a prática fonoaudiológica em expressividade verbal na competência comunicativa, entre elas os instrumentos de avaliação, estratégias de expressividade, recursos vocais e exercícios utilizados. No trabalho com a expressividade, o grupo de fonoaudiólogos que participaram da pesquisa responderam que as estratégias utilizadas são fala encadeada, simulações e leitura de texto com diferentes emoções para promover uma comunicação condizente com o contexto e a intenção comunicativa (BORREGO; BEHLAU, 2018). Assim, uma das estratégias para registrar os exercícios para acompanhamento e

avaliação foi a gravação audiovisual e intervenções em grupo (BORREGO; BEHLAU, 2018).

No estudo de revisão crítica de literatura, realizada por Santos e Ferreira (2019), identificaram-se cinco instrumentos utilizados para avaliação fonoaudiológica da expressividade, voltada para os profissionais da voz. No entanto, nenhum deles teve suas avaliações validadas e todos apresentaram itens de avaliação da expressividade oral/verbal, vocal e não verbal (SANTOS; FERREIRA, 2019). Ainda, as autoras (SANTOS; FERREIRA, 2019) discutem a predominância dos parâmetros da avaliação da expressividade com influência nos estudos da fonética, aspectos vocais e da fala com apenas um estudo que considera a expressividade corporal.

Devido à ausência de um protocolo de avaliação da expressividade na Fonoaudiologia, Santos e Ferreira (2020) apresentaram uma proposta de roteiro de avaliação da expressividade, devido à baixa produção científica que pudessem direcionar o processo avaliativo e terapêutico nessa área. Esse roteiro não tem orientação quantitativa e dividiu-se com base em três eixos: recursos vocais, aspectos verbais e aspectos não verbais (SANTOS; FERREIRA, 2020).

Com a noção de que a expressividade, na fonoaudiologia, refere-se não apenas a aspectos vocais ou verbais, mas está associada a expressões corporais, entende-se que até mesmo os radialistas, exemplos de profissionais que, *a priori*, necessitariam menos da expressividade corporal para prender a atenção do público, apresentam influência da expressividade corporal na sua expressividade oral/verbal (VIOLA; GHIRARDI; FERREIRA, 2011). Desse modo, torna-se, assim, necessário o aperfeiçoamento da expressividade oral/verbal, uma vez que a compreensão, em sua maior parte, ocorre pela expressividade não verbal, (SANTOS; SILVA, 2016). Posto isso, na figura 21, apresenta-se um esquema ilustrativo que revela os elementos da expressividade conforme o roteiro de avaliação da expressividade na Fonoaudiologia (SANTOS; FERREIRA, 2020).

Figura 2 – expressividade na fonoaudiologia



Fonte: adaptada com base em Santos e Ferreira (2020).

No quadro 1, descreve-se, com mais detalhes, de que forma os aspectos da expressividade têm sido caracterizados.

Quadro 1 – parâmetros dos aspectos expressivos

Aspectos expressivo	Parâmetros
Articulação	precisa, imprecisa, travada, exagerada
uso das pausa	restrito, médio, frequente
duração das pausas	breve, média, prolongada
velocidade de fala	aumentada, média, diminuída
Ênfase	naturais, excessivos, poucos, deslocados
Ressonância	Equilibrada, laringofaríngea, faríngea, hiponasal, hipernasal
expressão da emoção	tristeza, alegria, medo, raiva, nojo, surpresa ou desprezo
movimentos corporais	caminhar, movimentar braços, pernas e cabeça

Fonte: adaptada de Santos e Ferreira (2020).

Ao que parece, a expressividade e seus parâmetros, principalmente vocais e de fala, apresentam-se como aspectos muito mais diversos e específicos do que a “linguagem não verbal”, considerada, geralmente, a partir de categorias mais generalistas (expressão facial, gestos, olhares, dentre outros). Contudo, os estudos sobre linguagem não verbal destacam, cada vez mais, sua importância.

O papel da expressão facial para a compreensão é tão significativo que Gori, Schiatti e Amadeo (2021) demonstraram o impacto do uso de máscara, em virtude do período de pandemia, no processo de inferência das emoções em crianças (alegria, tristeza, medo e raiva) expressadas por rostos de adultos. Conforme o estudo, o uso de máscaras afeta a compreensão das emoções em todas as idades, principalmente crianças de três a cinco anos (GORI; SCHIATTI; AMADEO, 2021). Devido a isso, subentende-se que há diferença do estágio de desenvolvimento dessas crianças com os adultos em relação ao processamento facial, associado ao raciocínio emocional (GORI; SCHIATTI; AMADEO, 2021).

Figura 3 – o impacto da máscara para a compreensão das emoções



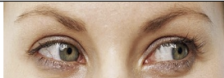
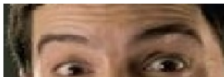
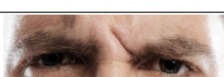
Fonte: Gori, Schiatti e Amadeo (2021).

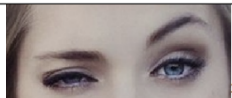
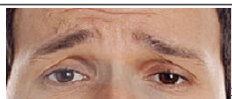
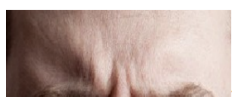
Essa discussão ainda é muito escassa, principalmente quando se relacionam aspectos verbais e não verbais. Nos estudos sobre língua de sinais, contudo, esse tema é mais recorrente. Isso ocorre porque a expressão facial faz parte dos aspectos linguísticos da língua de sinais, o que faz com que haja um aprofundamento maior no estudo das possibilidades interpretativas das expressões faciais.

No quadro 2, apresenta-se um exemplo de um estudo sobre a prosódia da Libras e sua caracterização para o processo da significação da expressão facial da língua de sinais (SILVA; SANTANA, 2021). Assim, é apresentada a caracterização dos quatro elementos faciais, os tipos de movimento e as suas significações.

Quadro 2 – caracterização de movimentos faciais superiores

ELEMENTO	MOVIMENTO	SIGNIFICAÇÃO		IMAGEM
CABEÇA ¹⁰	NEUTRO Sem movimento Eixo normal	Afirmção Acabamento		
	LONGITUDINAL Rotação Para a direita Para a esquerda	Foco Função Locativa Transição Contradição		
	LATITUDINAL Flexão/extensão Para baixo Para cima	Para baixo Ênfase Pausa Função Locativa	Para cima Interrogativa Negativa Aditiva	
	LATERALIZAÇÃO Inclinação Para a direita Para a esquerda	À direita Confirmação	À esquerda Suposição Dúvida	
ELEMENTO	MOVIMENTO	SIGNIFICAÇÃO		IMAGEM
OLHOS	NEUTRO Foco normal	Afirmção		

	LONGITUDINAL Lateralização Para direita e esquerda	Foco Or. Relativa Transição Condição Função Locativa		 
	LATITUDINAL Para baixo Para cima	Para baixo Foco Ênfase Para cima Dúvida Reflexão Projeção		 
	FECHADOS OU SEMICERRADOS	Condição contrafactual Informações compartilhadas		
	ARREGALADOS Bem abertos	Surpresa Intensidade		
	PISCANDO Um olho Dois olhos	Um olho Confirmação Aceitação	Dois olhos Pausa Contradição Transição	
ELEMENTO	MOVIMENTO	SIGNIFICAÇÃO		IMAGEM
SOBRANCELHA	NEUTRAS	Afirmção		
	ERGUIDAS Para cima	Admiração Continuação Condição Dependência informacional Perguntas-s/n		
	FRANZIDAS Para baixo	Negação Suposição Perguntas-qu Ênfase		

	ALTERNADAS Para cima e para baixo , concomitante.	Dúvida Presunção Reflexão	 22
	ARQUEADAS Área central para cima, extremidades para baixo	Frustração Tristeza Alternância	 23
ELEMENTO	MOVIMENTO	SIGNIFICAÇÃO	IMAGEM
TESTA	ARQUEADA	Admiração Continuação Perguntas-s/n Dependência Surpresa	 24
	FRANZIDA	Perguntas-qu Suposições Negação Emoção Ênfase	 25

Fonte: Silva; Santana (2021).

Além dos estudos na linguística e na psicologia, sobre a importância da expressão na prosódia e a compreensão das emoções, o uso de gestos também se destaca como um ato comunicativo não verbal. Isso porque o uso do gestos acompanha o desenvolvimento de linguagem compreensiva e expressiva da criança (OZER; GOKSUN, 2020; SANSAVINI et al., 2021).

Devido a essas notoriedades do gesto com o desenvolvimento de linguagem, torna-se evidente a importância da avaliação precoce da comunicação não verbal para a compreensão e a produção, em crianças com transtorno no desenvolvimento de linguagem (SANSAVINI et al., 2021; KIRK et al., 2022; ROMBOUTS et al., 2023).

Embora crianças com atraso no desenvolvimento de linguagem possam apresentar dificuldades com uso de gestos como ato comunicativo (SANSAVINI et al., 2021), outros autores observam que elas apresentam maior tendência a usar mais gestos na comunicação devido a maior dificuldade com a linguagem oral (ROMBOUTS et al., 2023). Isso ocorre devido à dificuldade de se expressarem verbalmente e se beneficiarem com uso de gestos (OZER; GOKSUN, 2020).

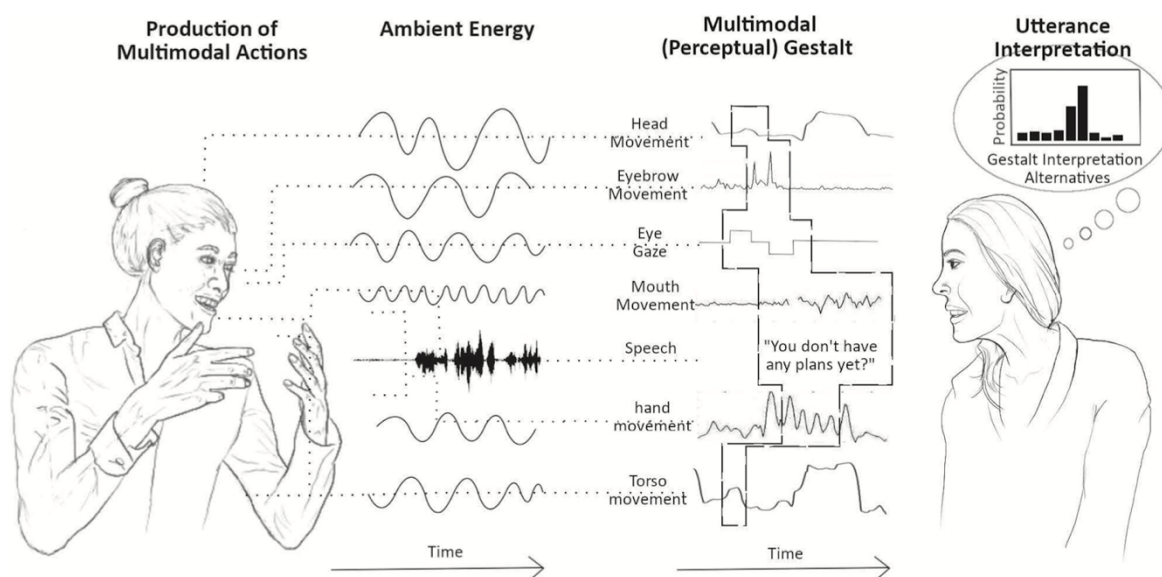
Rombouts et al. (2023) apontaram, em seu estudo, o aumento de uso da integração de gesto-fala redundante (que não acrescenta informação) e não redundante (que acrescenta informação complementar ou suplementar) em crianças, de 7 anos a 9 anos e 11 meses, com transtornos do desenvolvimento de linguagem, e crianças/jovens, de 9 anos a 23 anos, com Síndrome de William, associado ao baixo rendimento na avaliação de linguagem expressiva de vocabulário.

Há diferentes tipos de gestos relacionados ao processo de compressão que estão sendo abordados no campo científico. Segundo um estudo de meta-análise (DARGUE; SWELLER; JONES, 2019) — sobre o benefício do uso de gestos para o processo de compreensão —, observaram-se quatro tipos diferentes de gestos estudados na literatura:

- a) gestos icônicos – representam uma ação, evento ou objeto concreto de representatividade semântica;
- b) gestos metafóricos – representam uma categoria metafórica/abstrata também de representatividade semântica;
- c) gestos dêiticos ou apontar – indicam evento, direção ou objeto;
- d) gestos de batida – movimentos rítmicos usados para enfatizar um enunciado ou chamar atenção.

Para o aprofundamento desse tema, apresenta-se a perspectiva Gestalt multimodal, desenvolvida por Holler e Levinson (2019). Os autores ressaltam a importância de conceber a linguagem por uma percepção holística, uma vez que, na interação dialógica, há co-ocorrência de sinais multimodais e múltiplos-articulares (voz e fala, movimento de mãos e cabeça, expressões faciais, postura corporal). Com base nesse olhar, as interpretações de sentidos não devem ser consideradas de forma isolada ou como processos que somam uma parte, mas sim como uma única forma Gestalt comunicativa, havendo isolamento de sinais comunicativo e não comunicativos (TRUJILLO; HOLLER, 2023), conforme figura 4.

Figura 4 – comunicação por um perspectiva Gestalt



Fonte: Trujillo; Holler (2023).

Assim, a concepção teórica de linguagem marca a percepção sobre a expressão e a compreensão. Desse modo, na análise da linguagem/interação com base em uma concepção multimodal e naturalística os aspectos verbais e não verbais são considerados na temporalidade e no espaço do ato comunicativo.

Ressalta-se, ainda, que as terminologias utilizadas na área de Fonoaudiologia para se referir à expressividade podem ser: linguagem multimodal (FONTE; COSTA, 2017; SUGAHARA et al., 2022), comunicação/linguagem não verbal (SOUSA; LEAL; SENA, 2010; SANTOS; SILVA, 2016), e nem sempre partem do mesmo conceito, embora sejam utilizadas, algumas vezes, como sinônimos.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza qualitativa (MINAYO, 2009; YIN, 2016), assentou-se nos conceitos teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2020; VOLOCHINOV, 2021), cujos gêneros discursivos ilustram uma variada gama de diálogos do cotidiano, primários ou secundários. Os diálogos primários estão relacionados às condições da comunicação imediata, enquanto os diálogos secundários estariam associados ao convívio cultural e, portanto, relativamente mais desenvolvidos e organizados, como nas situações de pesquisa científica (BAKHTIN, 2020).

A escolha pela entrevista semiestruturada (APÊNDICE – I) implica procurar respostas diante dos problemas enfrentados pelas mudanças contextuais, considerando a comunicação como um processo de construção de conhecimento/sentido (MINAYO, 2009). Desse modo, compreendemos a entrevista como um gênero discursivo, com perguntas baseadas por pautas, em que o entrevistador perpassa todo um discurso de outros falantes, sujeitos sociais, que ocupam, no mínimo, o espaço social de coautoria (NETO; SANTOS, 2017), como forma de investigar a historicidade, o contexto social e a significação, fazendo relação da língua com a vida (BAKHTIN, 2020).

Sendo assim, um diálogo entre entrevistado e entrevistador parte de um processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva. Nas palavras de Ruiz (2017):

ao eleger a análise de base dialógica, o pesquisador participa da criação do objeto de forma dialógica e sua análise parte tanto de um ponto de vista interno quanto externo. Por isso, a construção do objeto de análise se constitui na interação entre o enunciado do sujeito pesquisado com o contexto social e histórico e estes são reenunciados pelo sujeito pesquisador na produção de discursos (RUIZ, 2017, p. 17).

Para Bardin (2021), as entrevistas na pesquisa qualitativa necessitam ser registradas e transcritas. Devido a isso, coletaram-se os dados por meio da gravação de áudio e, posteriormente, os dados foram transcritos para a análise com base na Análise do Conteúdo (BARDIN, 2021). Para isso, foram elaboradas perguntas a partir das seguintes categorias:

a) A percepção dos fonoaudiólogos sobre a compreensão e expressividade;

- b) A avaliação da compreensão oral;
- c) A autopercepção e formação sobre a avaliação da compreensão.

Para o procedimento da pesquisa e coleta de dados, realizou-se uma busca ativa de participantes por meio da amostragem de Bola de Neve (VINUTO, 2014). Essa forma de amostragem é não probabilística pelo motivo de não determinar a probabilidade de seleção dos participantes (VINUTO, 2014).

A amostragem de bola de neve é utilizada principalmente para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: **desejo de melhor compreensão sobre o tema**, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes (VENUTO, 2014, p. 205, grifo nosso).

A forma de procurar a amostragem inicia-se com acesso a informações-chaves e/ou documentos, denominado sementes, que darão o auxílio necessário para conseguir o contato dos sujeitos que se alinham às características da amostra desejada (VINUTO, 2014). Esses sujeitos poderão ainda indicar outros sujeitos para participarem da pesquisa, até que se tenha saturado a amostragem, ou seja, até que não haja mais pessoas a ser pesquisadas ou até que não haja mais informações novas (VINUTO, 2014).

Assim, realizou-se a busca ativa por profissionais fonoaudiólogos que atuassem na área da linguagem em uma cidade do médio vale do Itajaí, em Santa Catarina. Essa busca ocorreu por meio do *site* de pesquisa *Google*, por meio do qual, foram encontrados os possíveis participantes da pesquisa. Posteriormente, esses possíveis participantes foram contactados e convidados à participação na pesquisa. Ao final da entrevista, foi solicitada a indicação de um novo participante em potencial para a continuidade da pesquisa, e assim sucessivamente.

Participaram da pesquisa seis sujeitos fonoaudiólogos com critério de inclusão: experiência e atuação na área de linguagem; e critério de exclusão: a não experiência e atuação na área de linguagem. Todos os participantes, antes de participarem dessa pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE-II) após terem sido sanadas todas as suas dúvidas referentes a este estudo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a Resolução sobre as normas da realização de defesa do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina, vigente na data deste trabalho, apresentaram-se os resultados, discussões e conclusão no formato de um artigo científico (Manuscrito) para ser submetido à revista *Audiology, Communication Research*, intitulado “a percepção de fonoaudiólogos sobre a compreensão oral e o papel da expressividade”, apresentado no próximo capítulo. A formatação do manuscrito está nas normas da ABNT para manter a mesma estrutura e estilo textual da dissertação. No entanto, antes de enviar o artigo à revista científica, o manuscrito será formatado segundo o as instruções da revista a ser submetido.

6. MANUSCRITO

A percepção de fonoaudiólogos sobre a compreensão oral e o papel da expressividade

The perception of speech therapists regarding listening comprehension and the role of expressiveness.

Daniel De Martino Ucedo¹, Ana Carolina de Assis Moura Ghirardi², Ana Paula de Oliveira Santana³

(1) Discente no Programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis (SC), Brasil.

(2) Docente no Programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia e do Departamento de Fonoaudiologia, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis (SC), Brasil.

(3) Docente no Programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia e do Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis (SC), Brasil.

Trabalho realizado no programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia, nível mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis (SC), Brasil.

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Campus Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis (SC), Brasil, CEP: 88040970. E-mail: danielmartinofono@gmail.com

RESUMO

Objetivo: compreender a percepção dos fonoaudiólogos sobre o processo da compreensão oral de seus pacientes e o papel de sua expressividade durante a avaliação na clínica fonoaudiológica. **Métodos:** estudo transversal, analítico e qualitativo, realizado por meio de entrevista com seis fonoaudiólogos atuantes na área de linguagem em uma região de Santa Catarina, recrutados por meio do método bola de neve, formando uma amostragem não probabilística. Após transcrição dos dados, realizou-se uma análise de conteúdo das falas dos participantes. **Resultados:** segundo os participantes, a avaliação da compreensão oral foi pouco discutida na sua formação e, portanto, insuficiente para prepará-los para a avaliação dessa habilidade. A ênfase na linguagem expressiva, durante a avaliação, foi unânime entre os participantes. Na perspectiva desses profissionais, a compreensão oral mostrou ter maior relação com as palavras “audição” e “entendimento”, seguida do termo “receptiva”. Sua relação com aspectos expressivos se deu, principalmente, a partir da menção ao uso de gestos e expressões faciais. A avaliação informal é mais utilizada do que protocolos formais para avaliação da linguagem compreensiva oral. **Conclusão:** a existência de poucos estudos sobre linguagem compreensiva reflete dificuldades dos fonoaudiólogos na prática clínica a respeito da avaliação da compreensão e da percepção da relação desta com a expressividade. Estudos na área da linguagem compreensiva oral são emergentes no campo da fonoaudiologia.

Palavras-chave: Compreensão. Linguagem. Voz. Fonoaudiologia.

ABSTRACT

Objective: to understand the perception of speech therapists about the oral comprehension process of their patients and the role of their expressiveness during the evaluation in the speech therapy clinic. **Methods:** cross-sectional, analytical, and qualitative study, carried out through interviews with six speech therapists working in the language area in a region of Santa Catarina, recruited through the snowball method, forming a non-probability sampling. After transcribing the data, a content analysis of the participants' statements was carried out. **Results:** according to the

*participants, the assessment of oral comprehension was little discussed in their training and, therefore, insufficient to prepare them for the assessment of this skill. The emphasis on expressive language during the assessment was unanimous among participants. From the perspective of these professionals, oral comprehension was shown to have a greater relationship with the words “hearing” and “understanding”, followed by the term “receptive”. Its relationship with expressive aspects came mainly from the mention of the use of gestures and facial expressions. Also, informal assessment is used more than formal protocols for assessing oral comprehensive language. **Conclusion:** the existence of few studies on comprehensive language reflects difficulties faced by speech therapists in clinical practice regarding the assessment of comprehension and the perception of its relationship with expressiveness. Studies in oral comprehensive language are emerging in the field of speech therapy.*

Keywords: *Comprehension. Language. Voice. Speech Therapy.*

INTRODUÇÃO

O ponto de partida para se discutir a linguagem (compreensiva) neste texto, é a perspectiva holística da comunicação, a Gestalt multimodal. Nessa perspectiva, concebe-se a linguagem na interação dialógica, na conversação, em que há co-ocorrência de sinais multimodais e múltiplos-articulares (voz, fala, movimento de mãos e cabeça, expressões faciais, postura corporal) em um determinado contexto temporal e espacial (HOLLER e LEVINSON, 2019).

Para a discussão proposta neste trabalho, parte-se também da concepção bakhtiniana para a qual a compreensão é ativo-responsiva (VOLÓCHINOV, 2021). Isso porque a compreensão pelo ouvinte gera um ato responsivo por meio de uma “*contrapalavra*”, ou seja, o ouvinte se torna um falante, imediato ou tardio ou, inclusive, torna-se falante antes do término da fala do seu interlocutor. Nesse sentido, a construção da significação consiste em um processo ativo e dependente das condições de produção da interação.

Para o Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2021), a significação é um campo de estudo da linguagem extremamente complexo. Nessa concepção, a significação

está relacionada com o tema da enunciação, que ocorreu em um determinado tempo e espaço (cronotopo), somando-se a elementos linguísticos que envolvem aspectos verbais e não verbais (fonética-fonologia, morfologia, sintaxe, entonação, gestos). Compreender é, assim, significar aspectos verbais e não verbais.

É importante acrescentar que as interpretações de sentido dos gestos e olhares não devem ser tomadas de forma isolada ou como dois processos diferentes que somam uma parte, mas sim como uma única forma Gestalt comunicativa (TRUJILLO; HOLLER, 2023). Dessa forma, ressalta-se a importância de atentar-se às diferentes formas de significação e expressividade.

Neste texto, considera-se que a expressividade integra recursos verbais, vocais e não verbais:

os recursos verbais são as palavras, a seleção dos vocábulos, a construção frasal, o texto. Os recursos vocais compreendem qualidade vocal, tipos de voz e os parâmetros e recursos vocais, tais como pitch (sensação de frequência); loudness (sensação de intensidade); velocidade; articulação; ressonância; modulação; coordenação pneumofonoarticulatória (PENTEADO; PECHULA, 2018, p. 155).

Nesse sentido, a compreensão se aproxima dos estudos da linguagem e dos estudos da área da voz, tendo como ponto de encontro a expressividade e a significação. Ou seja, considera-se a compreensão oral como uma modalidade audiovisual que envolve aspectos verbais, visuais e vocais.

Ressalta-se que estudos da linguagem compreensiva, em comparação com os estudos da linguagem expressiva, são restritos (HEGE; PEREIRA; ZORZI, 2012; TARVAINEN; LAUNONEN; STOLT, 2021; ACOSTA-RODRIGUEZ; RAMIREZ-SANTANA; HERNÁNDEZ-EXPÓSITO, 2022), principalmente no que se refere à avaliação dos diferentes aspectos linguísticos, relacionados à compreensão como: vocabulário, semântica, morfologia, sintaxe, gramática e narrativa (TARVAINEN; LAUNONEN; STOLT, 2021).

Essa lacuna de estudos impacta, diretamente, a elaboração de protocolos de caráter quantitativo e qualitativo de avaliação de linguagem, tão importantes para a prática clínica fonoaudiológica (HEGE; PEREIRA; ZORZI, 2012). A literatura aponta que há protocolos disponíveis no Brasil para a avaliação da linguagem compreensiva,

mas alguns não avaliam a expressividade não verbal e vocal. Além disso, esses protocolos não estão validados para o português brasileiro (SÁ et. al., 2018).

Embora a área da linguagem seja a que possui, quantitativamente, o maior número de produções científicas (FERREIRA et. al., 2018; FERREIRA, et. al., 2019), há, ainda, uma produção relativamente pequena sobre a linguagem compreensiva (promoção, prevenção, avaliação, intervenção) (HEGE; PEREIRA; ZORZI, 2012; TARVAINEN; LAUNONEN; STOLT, 2021; ACOSTA-RODRIGUEZ; RAMIREZ-SANTANA; HERNÁNDEZ-EXPÓSITO, 2022), o que destaca a importância desse tema.

Dessa forma, busca-se, neste trabalho, elucidar a importância de mais estudos sobre compreensão oral, considerando que compreender e fazer-se compreender é a base da interação dialógica. Além disso, parte-se, aqui, da ideia de que os fonoaudiólogos são profissionais que dispõem de um saber específico sobre avaliar e intervir nas dificuldades da compreensão oral.

Considerando o exposto, o objetivo deste trabalho é compreender, com base na percepção de um grupo de fonoaudiólogos, sobre o papel da sua expressividade no processo da avaliação da compreensão oral na clínica-fonoaudiológica do público infantil.

MÉTODOS

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2021; BATISTA; OLIVEIRA; CAMARGO, 2021). Essa perspectiva propõe uma análise descritiva e de maior detalhamento do ponto de vista dos participantes a respeito do objeto estudado por uma ótica dos pesquisadores/analistas, por meio de um respaldo teórico (BATISTA; OLIVEIRA; CAMARGO, 2021). Sendo assim, a concepção de linguagem compreensiva que norteia e fundamenta esse trabalho parte de uma perspectiva dos conceitos teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin (VOLOCHINOV, 2021).

Realizou-se a coleta dos dados por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada, cujas perguntas tiveram como objetivo explorar o conhecimento de fonoaudiólogos clínicos sobre o conceito de compreensão e a avaliação infantil desse processo.

Inicialmente, realizaram-se dois estudos pilotos com dois fonoaudiólogos que atuavam com público infantojuvenil na área de linguagem, e que não pertenciam à região geográfica estudada. As perguntas iniciais passaram por duas adaptações no que diz respeito ao número de perguntas (de 10 para 15), para que o questionário pudesse evidenciar melhor as percepções dos entrevistados. Também foram propostas algumas modificações das perguntas consideradas ambíguas ou mal formuladas. Embora a entrevista tenha envolvido questões sobre diagnóstico e intervenção da compreensão de linguagem, para este trabalho, realizaram-se recortes temáticos privilegiando a avaliação da linguagem compreensiva e considerando as seguintes perguntas da entrevista: (1) o que é a compreensão da linguagem para você? 2) Qual a relação que você estabelece entre compreensão e expressão? 3) De que forma você considera a sua participação na compreensão do seu paciente? 4) Que aspectos da compreensão oral você avalia? De que forma? 5) Você avalia a compreensão não verbal? (por exemplo, gestos, expressão facial, vocalizações, gestos corporais?) De que forma? 6) Qual a sua opinião sobre a avaliação que você utiliza atualmente? 7) Você se sente seguro com relação a sua formação para a avaliação para a compreensão? Poderia comentar um pouco sobre isso?

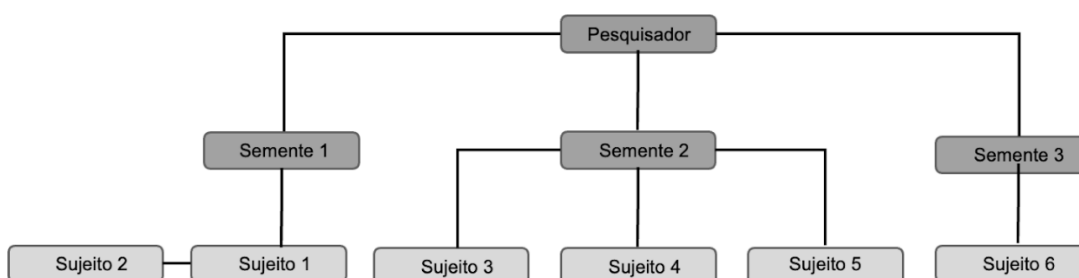
Como se tratava de uma entrevista, as perguntas centrais desencadearam diálogos entre pesquisador e o participante, com o objetivo de esclarecer ou exemplificar algumas questões. Isso ocorreu, principalmente, quando o participante tinha dúvidas com relação ao sentido da pergunta (*Ah, eu não entendi; tenta me explicar melhor aí; são perguntas meio, como que eu posso dizer, subjetivas, né?*). Em muitos momentos, o entrevistador teve de complementar, oferecer exemplos ou refazer as perguntas para se fazer compreender pelo entrevistado. Esses momentos envolviam aspectos relacionados à compreensão (*existem outros aspectos linguísticos que você avalia (além do vocabulário)?*) E expressividade (*a forma como você se expressa... como você gesticula... as suas expressões faciais... gestos corporais, como que você avalia isso? Por exemplo, se a criança não entende quando você fala*).

Para a coleta de dados, utilizou-se a abordagem não probabilística, denominada “Bola de Neve” para investigar a compreensão do tema pesquisado (VINUTO, 2014) pelas fonoaudiólogas participantes. Essa abordagem permite que os participantes possam indicar uns aos outros para participarem da pesquisa,

finalizando quando atingir o número total de pessoas daquela comunidade pesquisada ou quando não houver informações novas a serem acrescentadas.

A busca pelas participantes iniciou-se por meio do site de pesquisa *Google* ou por meio de pessoas da cidade que conheciam fonoaudiólogos, denominados aqui de “sementes”. Essas profissionais atuavam no território geográfico de uma cidade do Estado de Santa Catarina.

Figura 1. Amostragem por meio do modelo Bola de Neve



Legenda: Pesquisador = entrevistador; Sementes = busca pelo site Google ou indicação de outras pessoas; Sujeitos = Fonoaudiólogos entrevistados

Realizaram-se as entrevistas na modalidade *online*, com uso da plataforma *google meet*, por preferência dos participantes, devido às dificuldades de haver convergência de horários para encontros presenciais. Para a gravação, utilizou-se o aplicativo de Gravação do *Mac*; e, para a transcrição, a plataforma *Reshape*, com correções, quando necessárias, por um dos pesquisadores. A duração de cada entrevista foi, em média, de 46 minutos, com apresentação de 15 perguntas.

Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da Universidade Federal de Santa Catarina (CAAE: 66995623.0.0000.0121, número do parecer: 008177/2023). Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) após esclarecimentos de possíveis dúvidas sobre a participação na pesquisa.

Analísaram e discutiram-se os dados a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2021) e apresentaram-se estes com base nas seguintes categorias:

- a) a percepção dos fonoaudiólogos sobre a compreensão e expressividade;
- b) avaliação da compreensão oral;

c) autopercepção e formação sobre a avaliação da compreensão.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa seis fonoaudiólogas de um município do Estado de Santa Catarina, do gênero feminino, com média de idade de 39 anos; a mais nova de 25 anos e a mais velha de 57 anos. O tempo médio de atuação profissional foi de 18 anos, a mais jovem tinha 4 anos de formada e a mais velha 36 anos de formada. Todas as participantes declararam ter experiência na área de linguagem, embora nenhuma tivesse especialização nessa área. No quadro 1, apresentam-se os dados gerais dos participantes.

Quadro 1. Dados gerais dos participantes

Sujeito	Gênero	Idade (anos)	Tempo de formação (anos)	Instituição de Formação	Experiência em Linguagem	Formação continuada
Fono 1	Feminino	25	4	Privado	Sim	Pós-graduação em Primeira Infância, Cuidado de Saúde e Educação. formação em PECs, <i>Prompt</i> , método dos dedinhos e ABA.
Fono 2	Feminino	46	23	Privado	Sim	Especialização em Educação Infantil – Séries Iniciais e Motricidade orofacial. Formação em SENA.
Fono 3	Feminino	57	36	Público	Sim	Pós-graduação em Educação para o Deficiente auditivo e Especialização em atenção psicossocial.
Fono 4	Feminino	38	17	Público	Sim	Pós-graduação em fonoaudiologia hospitalar.
Fono 5	Feminino	44	24	Público	Sim	Pós-graduação em Saúde Pública e em reabilitação auditiva. Mestrado em distúrbios da comunicação humana.
Fono 6	Feminino	28	5	Privado	Sim	Pós-graduação em Transtorno do Espectro Autista.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Com o uso da plataforma *mentimeter*, foram geradas nuvens de palavras a fim de expor palavras-chave relacionadas à categoria sobre compreensão oral e expressividade que mais apareceram durante os enunciados das participantes para elaboração de subitens, com o intuito de explicar os resultados e fomentar a discussão dos dados.

A) Percepção das fonoaudiólogas sobre a compreensão

As palavras-chaves relacionadas ao termo compreensão foram elaboradas, conforme a figura 2.

Figura 2. Palavras-chaves sobre o conceito de compreensão oral

Conceito de compreensão oral



Fonte: Elaborada pelo autor.

Na resposta à pergunta “o que é a compreensão da linguagem pra você?”, a compreensão oral teve maior relação com os seguintes termos:

I) *audição*: “é assim, tem que ter a questão auditiva também, né?” (Fono 1) e “a questão auditiva pra mim ela vem, assim, muito prévia, assim, sabe?” (Fono 2); “mas sempre com uma questão inicial perceptiva né, audição...” (Fono 5).

II) *Entender*: “é se ele entende o que eu tô falando pra ele ou não” (Fono 1); “Aquilo que a criança entende.” (Fono 6).

III) *Receptiva*: “compreensão da linguagem é o que o paciente recebe, né?” (Fono 1); “a compreensão da linguagem, né? A receptiva, como eu estou entendendo, né?” (Fono 2).

IV) *Neurológicos*: “...Processos mais complexos, né. De neurológicos mesmo, né. Envolvendo várias áreas, né.” (Fono 5).

V) *Decodificação*: “é um processo complexo, né, de decodificação...” (Fono 5).

VI) *Significação*: “...ou de significação... processos mais complexos, né?” (Fono 5).

VII) Capacidade: *“eu vejo a capacidade que o outro tem de compreender o que eu tô querendo dizer para ele, mas não necessariamente somente a linguagem oral.”* (Fono 3).

Sobre o tema compreensão e expressividade, elaborou-se, a partir do *mentimeter*, a seguinte nuvem, conforme a figura 3.

Figura 3. Palavras-chaves sobre a relação da expressividade com a compreensão oral

Relação da expressividade com compreensão oral

expressão
gestos
olhar VOZ
responsividade

Fonte: Elaborada pelo autor.

I) Gestos (apontar, gestos simbólicos, apoio de gestos): *“então, se ela entende gestos, principalmente gestos funcionais, assim, né?”* (Fono 1); *“...ela aponta pro objeto, né?”* (Fono 2); *“Fazer a leitura de gestos.”* (Fono 3); *“E aí eu acabo usando bastante gestos e outras formas para a gente tentar se fazer compreender pelas crianças.”* (Fono 4); *“Gestos, apoio de gestos, eu faço...”* (Fono 5); *“Eu acho que essa parte de gestos simbólicos e não simbólicos acabam ajudando bastante na terapia, tanto na avaliação.”* (Fono 6).

II) Expressões (faciais e exageradas): *“...eu gosto de trabalhar bastante com expressão facial [Bravo, feliz, triste, com medo], se compreende, pelo menos as que a gente mais usa, né?”* (Fono 1) e *“expressões exageradas para que o paciente até consiga entender essa parte da compreensão também, né?”* (Fono 6).

III) Olhar (contato visual, rastreamento visual): *“pelo contato visual (...) mas ela me olha, ela olha para o objeto, ou ela aponta pro objeto, né.”* (Fono 2).

IV) Voz/prosódia (modulação de tom e intensidade): *“então, às vezes uma pequena palavra, uma entonação de voz, já muda e a criança não responde de um*

jeito que poderia responder, sabe?” (Fono 1); “ou, faz muita festa, ou... muda o tom da voz, né? Ou, ah, fala um pouco mais baixo.” (Fono 6).

IV Responsividade: *“você dá o retorno novamente pra ele, que você entendeu, ou ele alcança objetivos, eu acho que isso é essencial.” (Fono 5).*

Em relação ao processo avaliativo da compreensão, as respostas variaram. No quadro 2 (abaixo) é possível observar as palavras-chaves das principais respostas sobre método avaliativo, satisfação com o método e opinião sobre a sua formação para avaliar a compreensão oral.

b) Avaliação da compreensão oral

Quadro 2. Método e autopercepção da avaliação de linguagem oral e formação

Participantes	Método avaliativo	Satisfação com sua forma de avaliação da compreensão oral	Formação na graduação para avaliar compreensão oral
Fono 1	PROC, VB-MAPP, ADL	Insatisfeita	Insuficiente
Fono 2	Avaliação informal	Satisfeita	Insuficiente
Fono 3	Avaliação informal	Insatisfeita	Insuficiente
Fono 4	Avaliação informal	Insatisfeita	Insuficiente
Fono 5	Avaliação informal	Insatisfeita	Insuficiente
Fono 6	PROC e DENVER	Satisfeita	Insuficiente

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em relação ao processo avaliativo da compreensão, as respostas também variaram:

I) duas participantes (Fonos 1 e 6) afirmaram fazer uso de protocolos fechados: *“porque o PROC já estabelece o que a gente avalia, né? (...) Eu, pra TEA, uso muito o VB-MAPP (...)o ADL, ele é muito raso. Ele não dá conta de tudo o que você precisa avaliar.” (Fono 1) e “Eu pego às vezes um pouco do PROC (...) pego também o checklist do Denver” (Fono 6).* No caso, os protocolos citados, para a avaliação da linguagem oral, foram o PROC (Protocolo de Observação Comportamental), VB-MAPP (*Verbal Behavior – Milestones Assessment and Placement Program*), DENVER (Modelo Denver de Intervenção Precoce – ESDM) e o ADL (Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem).

II) Os demais participantes (Fonos 2, 3, 4 e 5) relataram não fazer uso de protocolos específicos, realizando uma avaliação mais informal ou observando de forma mais superficial: *“e, assim, depois de um tempo, assim, de caminhada, a gente acaba pegando um pouco de cada, né? Eu não sigo nada estruturado...”* (Fono 2); *“Eu já tive protocolos, né? Assim, tá aqui muito bonitinho, fácil de fazer. Quando chega na metade, quando eu vejo, eu começo a trabalhar com a criança e eu esqueço o protocolo”* (Fono 3); *“a compreensão é uma coisa que a gente vai percebendo, sinceramente, com o passar do tempo depois também... A compreensão é algo que passa bem superficialmente [durante a avaliação inicial].”* (Fono 4); *“E como eu pego, por exemplo, os deficientes auditivos, até tem alguns protocolos e tal, mas são muito pequenininhos, daí eu acabo não aplicando nessa fase, né?”* (Fono 5).

De modo geral, para a maioria das participantes, as suas próprias avaliações não são capazes de avaliar a linguagem compreensiva ou, então, precisariam melhorar: *“a minha opinião é que ela [avaliação] não dá conta de avaliar tudo o que precisa ainda. Eu acho que são escassos os protocolos no Brasil.”* (Fono 1); *“Não, eu não gosto muito da minha, da forma que eu avalio, eu sinto a necessidade de ser mais...eu vou usar o termo didático [protocolado e anotado]”* (Fono 3); *“É algo que talvez pudesse ser um pouco mais...Mais observado mesmo,”* (Fono 4); *“É bem aquém do que deveria, né? Eu acho que pode ser muito mais explorada uma avaliação”* (Fono 5).

c) Autopercepção sobre a avaliação da compreensão

Apenas as Fonos 2 e 6 acreditam que seus métodos de avaliação melhoraram com tempo (Fono 6 – *“Mas eu acho que o meu dia a dia no consultório melhorou muito a minha avaliação”*) e que, por meio do medidor, realiza-se um bom planejamento terapêutico, ou seja, a avaliação efetiva (Fono 2 – *“modéstia à parte, sim. Eu a acho efetiva...Como que eu avalio que ela é efetiva? Quando, mediante essa avaliação, eu traço um planejamento.”*).

Em relação à formação das participantes, de maneira unânime, a graduação não foi o suficiente para se sentirem seguras para avaliação da linguagem compreensiva: *“muito raro, a gente não sai preparado...”* (Fono 1); *“Então, como eu*

me formei há muitos anos, né? Se eu fosse me basear só nisso, não, né?” (Fono 2); “...a minha formação não me deu essa segurança” (Fono 3); “Acho que não...” (Fono 4); “A graduação, não. Nem lembro de falarem, entendeu?” (Fono 5).

Três sujeitos afirmaram que sua formação deu mais ênfase na linguagem expressiva e que não tiveram muito foco na avaliação de linguagem compreensiva, segundo suas falas: *“a gente sai preparado pra avaliar a linguagem expressiva, mas receptiva muito pouco, assim, né? Se fala muito pouco nisso na graduação.” (Fono 1); “O foco geralmente é na expressão de linguagem, né? Muito mais em expressão de linguagem do que compreensão de linguagem.” (Fono 4); “Mas a avaliação de compreensão, não sei se de certo existia, mas não era o foco das disciplinas, né.” (Fono 5).*

DISCUSSÃO

Conceituar compreensão parece rotineiro. No dicionário, compreender significa capacidade de entender, inteligência, como sinônimo de percepção, entendimento, apreensão, assimilação e depreensão (DICIO, 2023). Embora o termo tenha vários sinônimos, ninguém duvida de que este é um processo complexo e que, tanto na teoria quanto na prática, relaciona-se à recepção, conforme dois fonoaudiólogos mencionaram (Fono 1 e Fono 2).

O termo linguagem receptiva é utilizado como sinônimo de linguagem compreensiva ou compreensão da linguagem, sem que haja diferenças conceituais, apenas terminológicas (TARVAINEN; STOLT, 2021).

Associou-se, também, a compreensão ao sistema auditivo, a receber os sons e as informações. Assim, pode-se inferir que as fonoaudiólogas relacionaram a audição ao conceito de compreensão oral (Fono 1, Fono 2 e Fono 5). Destaca-se que essas duas entrevistadas que fizeram essa relação tiveram formação e a atuação da profissão não apenas na área da linguagem, mas também na área da saúde auditiva, que é uma das vias de aferência da linguagem audiovisual. É possível que essas formações e atuações possam ter incitado uma evocação mais rápida acerca da relação entre fala e audição em seu discurso.

Evidentemente, deve-se destacar que, no processo de compreensão auditiva, a percepção e a discriminação auditiva são, hierarquicamente, a base do processo de

compreensão oral (ARNETT et al., 2018; CALIGNANO et al., 2020). As pistas auditivas, na maioria das interações, têm um papel preponderante ao das pistas visuais, mas nem sempre, pois, às vezes, um mesmo enunciado modifica sua significação com base nas diferentes expressões faciais e olhares (de tristeza, de raiva, de compaixão, dentre outros sentimentos).

Uma das participantes relacionou a compreensão de linguagem com a decodificação (Fono 5). Essa concepção de linguagem enquanto emissão/código/recepção remete aos estudos linguísticos do século passado influenciados pelas teorias estruturalistas (JAKOBSON, 2007). Nessa ótica, o receptor cabe decodificar o que o emissor produz. Assim, o receptor teria um papel mais passivo, diferente do que propõem outras teorias como a bakhtiniana (VOLOCHINOV, 2021).

Por outro lado, as entrevistadas (Fono 3 e Fono 5) parecem considerar o conceito de compreensão de forma mais ampla e relacionada a processos mais complexos que envolvem diferentes aspectos linguísticos e não linguísticos. A Fono 5 relaciona compreensão a processos neurológicos. Essa relação permite inferir que se considere, também, uma complexidade neurofuncional na qual há diferentes áreas cerebrais (temporal, parental, frontal) e sensoriais (auditivo, visual e gestual) que atuam em conjunto por uma rede de neurônios. O processo de compreensão da linguagem relaciona-se, também, a outros processos cognitivos como memória, atenção, previsão de combinações com o sistema linguístico (PULVERMULLER, 2018). Evidentemente, a compreensão da linguagem tem seu aspecto neurológico, neurofisiológico e neurolinguístico. Nesse sentido, não há dúvidas de que as pesquisas que envolvem comunicação multimodal são importantes para o aprofundamento da linguagem compreensiva.

Sobre esse ponto, a Fono 2 ressalta, por exemplo, a importância de se considerar o contato visual e o olhar direcionado ao objeto no momento da avaliação da compreensão. O direcionamento do olhar é importante para atenção e a interação social já no processo de aquisição da linguagem (ÇETINÇELIK; ROWLAND; SNIJDERS, 2021). Pesquisas têm tomado como critérios, por exemplo, a atenção compartilhada e o olhar fixo dos bebês durante os primeiros dois anos de vida, por meio de uma revisão sistemática da literatura sobre o desenvolvimento do vocabulário receptivo e expressivo infantil (ÇETINÇELIK; ROWLAND; SNIJDERS, 2021).

Esse tipo de pesquisa, embora seja realizada no Brasil há algum tempo (LIMA; CAVALCANTE, 2022), ainda tem tido pouca influência para os estudos sobre avaliação da linguagem no campo da Fonoaudiologia. Contudo, lançar mão da observação e do direcionamento ocular da criança pode ser uma alternativa de analisar um ato ativo-responsivo durante a interação. Além do direcionamento do olhar, o gesto pode ser utilizado como outra forma de significação no processo compreensivo e expressivo na díade entre os interlocutores, seja associado ou não à fala, durante o processo avaliativo. Destaca-se que o gesto foi mencionado por todos os fonoaudiólogos entrevistados.

Observou-se, por meio de revisão meta-analítica sobre a relação do gesto e desenvolvimento infantil, uma maior relação do gesto com a compreensão do que com a expressão (KIRK et al., 2022). Ademais, o uso de gestos, durante o processo comunicativo entre criança-adulto, promove melhor interação entre eles, assim como as habilidades de atenção compartilhada, alternância de olhar entre objeto e o adulto, contato visual e elaboração de enunciados (KIRK et. al., 2022).

Especificamente sobre a questão relacionada à expressividade vocal, a Fono 6 e a Fono 1 utilizam termos como: “festa”, modular o tom, entonação e o volume da voz como formas estratégicas para alcançar a compreensão em seus atendimentos. Contudo, essas questões ainda aparecem de forma muito simplificada e a partir de insistência do entrevistador. Ressalta-se que já se utilizam os aspectos prosódicos (ex: intensidade, *pitch*, ritmo e duração), em relação a ambiente controlados, em bebês pré-verbais, e, sabe-se ainda, que as modulações vocais atuam e contribuem como pistas para o processamento segmental de sílabas por meio do aumento da atenção seletiva, excitação e maior carga cognitiva, favorecendo a habilidade de compreensão da linguagem (CALIGNANO et. al., 2021). Contudo, nem sempre se considera essa expressividade, durante a avaliação, como constituinte da compreensão da linguagem.

Além do olhar, dos gestos e da entonação, as Fono 1 e Fono 6 revelaram uso estratégico da expressão facial como meio de auxiliar no processo da compreensão da linguagem de seus pacientes. Estudos apontam (NOTA; TRUJILLO; HOLLER, 2021) que a expressão facial do ouvinte (olhos, sobrancelhas, nariz e boca), em um ato conversacional de adulto, pode impactar a expressividade do falante. Nesse caso, usar expressões faciais específicas nesse contexto pode ser considerado uma forma

de melhorar o processo de compreensão do ouvinte, uma vez que impacta a forma como o falante produz seu enunciado e, conseqüentemente, por sua vez, é compreendido.

Duas participantes (Fono 1 e Fono 4) ainda relataram a importância de se fazer uso de gestos e entonação da voz para a compreensão do avaliado. A Fono 5 também ressaltou a importância da expressividade do avaliador no processo da compreensão do sujeito. Isso ocorre quando uma resposta gestual para outra pessoa revela que ela foi compreendida (balançando a cabeça confirmando, com expressão facial de interesse).

A despeito das relações feitas pelas participantes, importa apontar que as fonoaudiólogas pouco falaram ou compreenderam a pergunta que se referia ao seu papel na avaliação de linguagem, denotando que são poucos os que percebem a compreensão como um processo ativo, dialógico, interativo (VOLÓCHINOV, 2021). Ou seja, no qual o fonoaudiólogo (falante) também contribui para a compreensão do outro.

Em relação ao processo avaliativo da compreensão, as respostas não variaram muito: duas participantes (quadro 1) afirmaram fazer uso de protocolos fechados, enquanto as demais participantes relataram realizar uma avaliação mais aberta. Nesse cenário, foram citados quatro instrumentos de avaliação específicos: PROC, VB-MAPP, DENVER e ADL.

O PROC (Fono 1) é um protocolo que avalia a compreensão da linguagem oral, de forma hierárquica, em um contexto discursivo envolvendo respostas assistemáticas, atenção a chamados, compreensão de ordens simples e complexas e comentários relacionados a um contexto imediato ou não imediato (HEGE; PEREIRA; ZORZI, 2012). Ressalta-se que é um protocolo para avaliação de comportamento verbal e não verbal, receptivo e expressivo e aspectos cognitivos-simbólicos, não sendo exclusivo de compreensão (HEGE; PEREIRA; ZORZI, 2012), portanto, não avalia todos os níveis a ela relacionados (vocabulário receptivo, compreensão de frases etc.).

O VB-MAPP (Fono 1) avalia o repertório verbal em crianças por meio de tarefas elaboradas a partir de 170 marcos de desenvolvimento de linguagem e outras habilidades relacionadas em três níveis, por faixa etária, por exemplo: mando, tato, ecóico, intraverbal, ouvinte, imitação motora, brincadeira independente, brincadeira

social, percepção visual entre outras) (MARTONE, 2017). Segundo Martone (2017), a linguagem receptiva no VB-MAPP pode ser sinônimo de habilidade de “responder de ouvinte” (ex: “*qual deles late?*”, “*encontre o carro vermelho.*”) e de “intraverbal” (“*qual o seu nome?*”, “*O que você gosta de comer?*”), quando se relaciona com respostas verbais. Ou seja, refere-se mais à compreensão de frases simples.

Criou-se o modelo Denver (Fono 6) para intervir em ambiente naturalístico de forma precoce em crianças com TEA, com base em um *checklist curriculum*, em diferentes domínios de habilidades (imitação, comunicação não verbal, comunicação verbal, desenvolvimento social e jogo) e em níveis de desenvolvimento (ROGERS; DAWSON, 2014). No que se refere à comunicação, o modelo aborda como desenvolver habilidades relativas ao uso e à compreensão da comunicação não verbal (contato visual, gestos, expressões faciais) e comunicação verbal (repertório de sons, palavra-objeto, palavra-verbo, enunciados, seguir instruções verbais associados ou não a gestos, ajudas ou objeto conforme desenvolvimento) (ROGERS; DAWSON, 2014). Ainda, Rogers e Dawson (2014) argumentam que há proximidade da linguagem expressiva com a linguagem receptiva e afirmam que as atividades envolvidas com a expressividade podem estar relacionadas com a comunicação não verbal e compreensão.

Outro instrumento citado por uma das entrevistadas foi o ADL (Fono 1), que avalia a linguagem expressiva e compreensiva, de crianças com idade a partir dos 12 meses até 6 anos e 11 meses, por meio de material concreto (ex: sino, carrinho, boneca, cachorrinho, bolas, colher, pratinho e caneca). Em relação à linguagem compreensiva, o ADL avalia aspectos semântico, morfológico e sintaxe, como, também, aspectos atencionais e de memória (MENEZES, 2003). Embora envolva diferentes níveis linguísticos, a Fono 1, que citou esse instrumento, parece não conseguir aprofundar a discussão sobre o que seria uma avaliação mais consistente/completa.

Percebe-se, assim, que, na prática, há pouco aprofundamento dos materiais de avaliação, relacionados à linguagem compreensiva, o que faz com que os profissionais utilizem mais de um protocolo e/ou precisem complementar esse(s) protocolo(s) com observações informais da interação. A maior parte das fonoaudiólogas não utiliza protocolos fechados e lança mão de avaliações ditas como “informais” ou “qualitativas”. A literatura aponta que avaliações não padronizadas são

realizadas em contextos do cotidiano e naturalístico, afastando-se de situações artificiais (THOMSON et al., 2018) na busca de melhores formas de comunicação que podem envolver coleta da amostragem, conversação, entrevistas semiestruturadas, avaliação dinâmica (THOMSON et al., 2018). Há estudos (WARD; CHIAT; TOWNEND, 2021) que compararam as avaliações formais (uso de protocolo) e informais em crianças com a Síndrome Rett. O resultado revelou que ambas são vistas como complementares e que, perante as dificuldades motoras e de linguagem, são necessárias adaptações. Enquanto algumas crianças engajam-se na avaliação formal, outras somente conseguem apresentar e demonstrar o seu potencial em avaliação informal. Essa, por sua vez, pode ser realizada por meio de jogos, canto, leitura de livros ou, inclusive, decoração de um bolo (*“Mamãe gostaria do botão grande de chocolate em seu bolo, será que você pode me ajudar a encontrá-lo?”*) (WARD; CHIAT; TOWNEND, 2021, pg. 5). Além disso, outra estratégia utilizada é o uso de rastreador ocular em crianças com dificuldades verbais expressivas (WARD; CHIAT; TOWNEND, 2021).

As fonoaudiólogas que relataram não utilizar protocolo, como a Fono 2, referiram, como base para sua conduta, a experiência clínica somada à utilização de algumas partes de protocolos para avaliar a linguagem. Contudo, a Fono 2, por exemplo, não citou em quais protocolos se baseia. A Fono 3, por sua vez, relatou que, embora tenha um protocolo à sua disposição, não o segue, pois quando avalia já intervém no mesmo momento, e essa informação poderia ser perdida caso seguisse, estritamente, um protocolo. Já a Fono 4 afirma que, em sua avaliação, o foco não é a compreensão no primeiro momento e que essa questão é observada “no seu tempo”, durante a intervenção terapêutica. Por fim, com a justificativa de atender crianças muito pequenas, a Fono 5 menciona não utilizar protocolos, pois atende, também, crianças com deficiência auditiva.

Ressalta-se que utilizar avaliação aberta ou qualitativa não é sinônimo de utilização de uma determinada perspectiva teórica. Em outras palavras, nem todas as fonoaudiólogas que utilizam uma avaliação aberta partem de uma base teórica sócio-histórica que possui uma visão mais naturalística. As concepções de linguagem, sujeito e interação podem diferenciar as formas e estratégias de uma avaliação aberta (SANTANA; SANTOS, 2017).

Assim, de um lado, as fonoaudiólogas que utilizam avaliação formal ou pouco exploram os testes que utilizam ou utilizam testes que tratam de aspectos superficiais relacionados à compreensão oral. E, de outro lado, as fonoaudiólogas que utilizam avaliação informal não conseguiram evidenciar, durante a entrevista, aspectos relacionados à compreensão que pudessem ser avaliados de forma mais consistente. Embora tenham citado, por exemplo, aspectos não verbais da expressividade quando conceituaram a compreensão na discussão sobre avaliação, esses aspectos foram pouco aprofundados, assim como a sua relação com os aspectos verbais (semântica, sintaxe, pragmática). Em suma, o problema da superficialidade não parece ser uma comparação entre avaliação formal e informal, mas sim uma questão de base teórica.

Finalizando nossa reflexão, pedimos às participantes para comentarem sobre a sua avaliação de compreensão. Para a maior parte das participantes, a avaliação que realizam é, ainda, insuficiente. Segundo a Fono 1, há poucos protocolos disponíveis no Brasil. Há uma certa insegurança dos fonoaudiólogas (quadro 2) com relação à sua formação para avaliar linguagem compreensiva oral, podendo-se subentender que, independentemente da época, a compreensão sempre foi menos estudada que a expressão (HEGE; PEREIRA; ZORZI, 2012; TARVAINEN; LAUNONEN; STOLT, 2021; ACOSTA-RODRIGUEZ; RAMIREZ-SANTANA; HERNÁNDEZ-EXPÓSITO, 2022) e isso altera-se de forma lenta no decorrer dos anos, possivelmente, pela complexidade que há na avaliação da compreensão.

Duas participantes dessa pesquisa relataram estar satisfeitas com sua forma de avaliar, uma que avalia por um estrutura mais informal (Fono 2), e outra, com uso de protocolos (Fono 6). Para a Fono 2, uma forma de inferir se sua avaliação foi bem elaborada refere-se ao momento em que há consonância com um planejamento de curto a médio prazo e, conseqüentemente, o trabalho resulta na evolução de seu paciente. *“E no curto e médio prazo, eu já avalio pequenos resultados. Então, eu tenho a impressão de assim, eu tenho a certeza de que eu tô no caminho certo”* (Fono 2). Nesse contexto, confunde-se autoavaliação sobre seu conhecimento com sua atuação clínica, uma vez que a métrica que se utiliza para verificar se sua avaliação foi boa é a evolução do seu paciente. Contudo, a sugestão de parâmetro para avaliar a satisfação de avaliação poderia ser a possibilidade de repetir os procedimentos de um método avaliativo na prática científica no campo da fonoaudiologia, ou apontar a escassez e a qualidade dos estudos científicos para usar na prática clínica.

CONCLUSÃO

A discussão sobre a compreensão na Fonoaudiologia ainda é muito superficial para o grupo de fonoaudiólogas participantes dessa pesquisa. Isso pode ser evidenciado pela forma como as fonoaudiólogas discutiram a avaliação. Há uma centralidade na expressão em relação à compreensão e uma superficialidade com que esse conceito é relacionado aos demais aspectos linguísticos, cognitivos e interativos. A expressividade aparece no discurso dos sujeitos ainda de forma pouco relacionada à significação. Ou seja, o conceito de expressividade é visto de forma marginal e não como constitutiva do processo da compreensão da linguagem.

Como implicação disso, há grandes lacunas com relação à avaliação. Por um lado, há testes, ainda insuficientes para dar conta da complexidade da compreensão e, por outro lado, há uma prática clínica a-teórica, que dificulta a reflexão sobre o lugar e o papel da compreensão da linguagem, bem como o papel da expressividade na compreensão, e que, desse modo, pode impactar de modo negativo a atuação clínica. Com isso, ressalta-se, neste estudo, que é emergencial a condução de pesquisas na área da linguagem compreensiva, principalmente no campo da Fonoaudiologia, pois somente assim será possível desenvolver métodos de identificação, avaliação e intervenção mais eficazes.

REFERÊNCIAS

ACOSTA-RODRÍGUEZ, V. M. RAMÍREZ-SANTANA, G. M.; HERNÁNDEZ-EXPÓSITO, S. Intervention for oral language comprehension skills in preschoolers with developmental language disorder. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v. 57, n. 1, p. 90-102, 2022.

ARNETT, A. B. et al. Auditory perception is associated with implicit language learning and receptive language ability in autism spectrum disorder. **Brain and language**, v. 187, p. 1-8, 2018.

BORDIN, S. M. S; FREIRE, F. M. P. Neurolinguística discursiva: contribuições para uma fonoaudiologia na área da linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 60, n. 2, p. 384-399, 2018.

CALIGNANO, G. et al. Attentional engagement during syllable discrimination: The role of salient prosodic cues in 6-to 8-month-old infants. **Infant Behavior and Development**, v. 62, p. 101504, 2021.

ÇETINÇELIK, M.; ROWLAND, C. F.; SNIJDERS, T. M. Do the eyes have it? A systematic review on the role of eye gaze in infant language development. **Frontiers in psychology**, v. 11, p. 589096, 2021.

COMPREENSÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/compreensao>. Acesso em: 19/07/2023.

COUDRY, M. I. H. Diário de Narciso e Neurolinguística Discursiva: 30 anos depois. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 60, n. 2, p. 323-350, 2018.

DAWES, E. et al. Oral literal and inferential narrative comprehension in young typically developing children and children with developmental language disorder. **International Journal of Speech-Language Pathology**, v. 21, n. 3, p. 275-285, 2019.

FERREIRA, L. P. et al. Revista Distúrbios da Comunicação: análise dos artigos publicados nos últimos cinco anos. **Distúrbios da Comunicação**, v. 30, n. 1, p. 3-15, 2018.

FERREIRA, L. P. et al. Fonoaudiólogos Doutores no Brasil: perfil da formação no período de 1976 a 2017. **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2019.

HAGE, S. R. de V.; PEREIRA, T. C.; ZORZI, J. L. Protocolo de Observação Comportamental-PROC: valores de referência para uma análise quantitativa. **Revista CEFAC**, v. 14, p. 677-690, 2012.

HOLLER, J.; LEVINSON, S. C. Multimodal language processing in human communication. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 23, n. 8, p. 639-652, 2019.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

KIRK, E. et al. The relationship between infant pointing and language development: A meta-analytic review. **Developmental Review**, v. 64, p. 101023, 2022.

LIMA, I. L. B.; CAVALCANTE, M. C. B. Ferramenta de descrição linguística PAMI-PROTOCOLO de avaliação multimodal infantil. In: LAZZAROTTO-VOLCÃO, C.; OLIVEIRA, M.; FREITAS, M. J. **Aquisição atípica da linguagem: Modelos Linguísticos e Práticas Clínicas**. Ed. ABRALIN, 2022, p. 144-177.

MARTONE, M. C. C. Tradução e adaptação do Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program (VB-MAPP) para a língua portuguesa e a efetividade do treino de habilidades comportamentais para qualificar profissionais. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos 2017.

MENEZES, M. L. N.. A construção de um instrumento para avaliação do desenvolvimento da linguagem: idealização, estudo piloto para padronização e validação. 2003.

NOTA, N.; TRUJILLO, J. P.; HOLLER, J. Facial signals and social actions in multimodal face-to-face interaction. **Brain Sciences**, v. 11, n. 8, p. 1017, 2021.

PENTEADO, R. Z.; PECHULA, M. R. Expressividade em jornalismo: interfaces entre Comunicação, Fonoaudiologia e Educação. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 41, p. 153-166, 2018

PULVERMÜLLER, F.. Neural reuse of action perception circuits for language, concepts and communication. **Progress in neurobiology**, v. 160, p. 1-44, 2018.

ROGERS, S. J.; DAWSON, G. Intervenção precoce em crianças com autismo: modelo Denver para a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, Ltda, 2014.

SÁ, T.B. F. et al. Construção de um instrumento para avaliar a compreensão da linguagem oral de crianças de 2 a 6 anos. **Distúrbios da Comunicação**, v. 30, n. 1, p. 158-169, 2018.

SANTANA, A. P.; SANTOS, K. P. A perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin e a análise da linguagem na clínica fonoaudiológica. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 12, p. 174-190, 2017.

SANTOS, T.D.; FERREIRA, L. P. A expressividade na avaliação da comunicação do profissional da voz: revisão da literatura. **Revista CEFAC**, v. 21, 2020.

TARVAINEN, S.; LAUNONEN, K.; STOLT, S. Oral language comprehension interventions in school-age children and adolescents with developmental language disorder: A systematic scoping review. **Autism & developmental language impairments**, v. 6, p. 23969415211010423, 2021.

THOMSON, J. et al. What ‘form’ does informal assessment take? A scoping review of the informal assessment literature for aphasia. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v. 53, n. 4, p. 659-674, 2018.

TRUJILLO, J.P.; HOLLER, J. Interactionally embedded gestalt principles of multimodal human communication. **Perspectives on Psychological Science**, p. 17456916221141422, 2023.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

WARD, C.; CHIAT, S.; TOWNEND, G. S. A comparison of formal and informal methods for assessing language and cognition in children with Rett syndrome. **Research in developmental disabilities**, v. 114, p. 103961, 2021.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a percepção de fonoaudiólogos sobre compreensão oral de seus pacientes e a relação com a sua expressividade.

Neste trabalho, abordou-se a linguagem por uma ótica da Neurolinguística Discursiva, que considera aspectos históricos, culturais e ideológicos relacionados diretamente à linguagem. Essa abordagem ganhou notoriedade em relação aos estudos da fonoaudiologia a partir do final do século passado com as publicações de Coudry (2001; 2010). Os aspectos fundamentais desses estudos relacionam-se à proximidade dos estudos fonoaudiológicos com a Ciências Humanas e a Filosofia, a partir do Círculo de Bakhtin (SANTANA; SANTOS, 2017). Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2021). Nessa perspectiva, compreende-se que a linguagem se afasta de concepções mecanicistas e passivas, que desconsideram a interação como *locus* de análise linguística. Nesse sentido, concebe-se a linguagem compreensiva como ativo-responsiva. Isso porque o ouvinte apresenta um papel ativo, por trabalhar, ativamente, para construir o sentido do enunciado, ao mesmo tempo em que, na dialogia, ocorre a construção da significação, tornando-se um falante durante a interação dialógica.

Na cena enunciativa, a significação envolve semioses verbais e não verbais. Nesse sentido, buscou-se aproximar, nesta dissertação, os estudos da compreensão com a expressividade, com base em uma visão multimodal da linguagem. Ou seja, além do discurso oral, os sinais de movimento da cabeça e do corpo ou expressões faciais e vocais compõem os processos da compreensão de enunciados, assim como o próprio silêncio.

Os estudos da expressividade se tornam importantes para esse processo da compreensão oral, pois eles propiciam a reflexão de questões anteriormente não consideradas nos estudos da linguagem, relacionadas à compreensão, principalmente no processo avaliativo.

Nas interações entre fonoaudiólogo-paciente, o fonoaudiólogo é o profissional que estabelece critérios e estratégias para avaliar os sintomas e queixas de linguagem. É nesse cenário clínico, constituído em um cronotopo (tempo e espaço), que se busca registrar e construir uma imagem interpretativa e, algumas vezes, inclusive, incompleta da linguagem, pois nem sempre tudo pode ser significado.

Com base no exposto, definiu-se realizar a presente pesquisa em uma região do Estado de Santa Catarina com fonoaudiólogos experientes e atuantes com linguagem infantil, com o intuito de investigar o processo da avaliação da linguagem oral compreensiva a partir da ótica do avaliador.

Os resultados da pesquisa apontaram que as participantes conceituam a compreensão ainda de forma muito restrita, embora utilizem termos que denotam vários aspectos da linguagem como: entendimento, recepção, decodificação, significação e associado com aspectos neurológicos e capacidade de compreender.

Quando se buscou a percepção dos fonoaudiólogos sobre a relação da compreensão oral e expressividade (do próprio avaliador e do avaliado), o uso de gesto foi o mais citado, seguido de expressões faciais, olhar, voz e responsividade. Contudo, essas respostas nem sempre foram referidas de forma direta, sendo necessárias explicações e paráfrases para que se pudesse constituir uma relação entre os termos, possibilitando, assim, algumas das respostas apresentadas.

Ademais, o papel da expressividade do avaliador foi pouco considerado. Ou seja, não houve discussão sobre a intercompreensão, sendo mais enfatizada, apenas, a oralidade do avaliado. Como os fonoaudiólogos atendiam muitos casos de pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista), esse pareceu ser o pano de fundo norteador para se pensar a expressividade. Também não houve aprofundamento em relação a outras formas de expressão não verbal, como as vocais (qualidade vocal, *pitch*, *loudness* e ressonância) e movimentos corporais. Os aspectos mais considerados diziam respeito a apontar e manipular objetos bem como as respostas orais. Nesse ponto, vale enfatizar que o silêncio deve ser considerado como uma maneira de expressão/resposta de uma compreensão ativa-responsiva, embora nenhum das participantes tenha citado esse aspecto.

Devido a esses fatores mencionados nesta pesquisa, ressalta-se, portanto, o papel da expressividade em relação ao processo da compreensão oral, assim como o aprofundamento dos aspectos expressivos não verbais em relação à significação do enunciado.

No que se refere à avaliação, duas participantes relataram fazer uso de protocolos padronizados e, mesmo assim, dizem não dar conta da complexidade de avaliar a compreensão oral. Sobre isso, considera-se que, ainda, há poucos instrumentos para avaliação e as fonoaudiólogas desconhecem a maioria dos testes

para compreensão que apresentam, ainda, subitens de avaliação relacionada ao vocabulário, gramática, construção de conceitos, dentre outros.

Já as participantes que não utilizam protocolos, por opção teórica ou por não julgarem não haver muitas opções, majoritariamente, não utilizam um método, mas se orientam por sua experiência clínica, algumas vezes, a-teórica. Nesse sentido, ressalta-se aqui que avaliação informal não é sinônimo de ausência de perspectiva teórica, tampouco uma “mescla” de teorias que possuem raízes científicas distintas. Do mesmo modo, é importante destacar que apenas a experiência clínica, apartada da teoria, não é suficiente para garantir segurança no processo de avaliação fonoaudiológica, ainda que seja posta como um dos pilares da pirâmide da prática baseada em evidência pela *American Speech-Language-Hearing Association* (MEDRADO; SOBRINHO, 2016). Isso porque a evidência científica revela-se na tomada de decisão do fonoaudiólogo (MEDRADO; SOBRINHO, 2016; MURAD et al., 2016).

E, quanto à segurança sobre a própria avaliação, apenas duas participantes disseram se sentir seguras nesse processo. Esse cenário é condizente com os relatos de que suas formações acadêmicas não foram suficientes para garantir a segurança na avaliação da compreensão oral, devido à escassez de aulas sobre esse tema.

Para finalizar, apontamos que essa pesquisa tem um número de amostragem pequeno, mas já foi possível, a partir dos enunciados dos participantes, perceber que o conceito de linguagem compreensiva e o processo avaliativo ainda é tratado de forma superficial na clínica fonoaudiológica. Além disso, a relação da expressividade com a linguagem compreensiva precisa ser entendida como aspecto relevante para a significação. Essa superficialidade interfere, diretamente, sobre o processo de avaliação da compreensão oral e intervenção. Isso porque uma avaliação com critérios bem definidos implica uma intervenção baseada em critérios diagnósticos de base. Assim, é necessário que haja mais estudos sobre a linguagem compreensiva oral a partir da perspectiva multimodal e dialógica da linguagem (BAKHTIN, 2020; VOLÓCHINOV, 2021).

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-RODRÍGUEZ, V.M. RAMÍREZ-SANTANA, G. M.; HERNÁNDEZ-EXPÓSITO, S. Intervention for oral language comprehension skills in preschoolers with developmental language disorder. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v. 57, n. 1, p. 90-102, 2022.
- AKASHI, D. A.; ORTIZ, K. Z. Formal language assessment in low-educated healthy subjects. **Dementia & neuropsychologia**, v. 12, p. 284-291, 2018.
- AMORIM, A. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chaves**. 2 ed. São Paulo: Contextos, 2021, p. 95-114.
- ARDILA, A.; BERNAL, B.; ROSSELLI, M. The role of Wernicke's area in language comprehension. **Psychology & Neuroscience**, v. 9, n. 3, p. 340, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2021.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2020.
- BARBOSA, T. et al. Perfil de linguagem e funções cognitivas em crianças com dislexia falantes do Português Brasileiro. In: **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, p. 565-574, 2015.
- BEFI-LOPES, D. M.; TOBA, J. R. Como crianças e adolescentes com Distúrbio Específico de Linguagem compreendem a linguagem oral?. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 17, p. 106-111, 2012.
- BERBERIAN, A. P. **Fonoaudiologia e educação**. Plexus Editora, 2007.
- BISHOP, D.V.M. **Uncommon Understanding (Classic Edition): Development and disorders of language comprehension in children**. Psychology Press, 2014.
- BORDIN, S. M. S; FREIRE, F.M.P. Neurolinguística discursiva: contribuições para uma fonoaudiologia na área da linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 60, n. 2, p. 384-399, 2018.
- BORREGO, Ma. C.M.; BEHLAU, M. Mapeamento do eixo condutor da prática fonoaudiológica em expressividade verbal no trabalho de competência comunicativa. **CoDAS**. v. 30, n 6, p. e20180054, 2018.
- BRASIL. As Causas Sociais das Iniquidades em Saúde no Brasil - Comissão Nacionais sobre os Determinantes Sociais da Saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2008.
- CARNEIRO, G. A. F.; VILLARTA-NEDER, M. A. Cronotopo e exotopia no seriado The Following: leituras de limites entre realidade e ficção. **Revista Práticas de Linguagem**, p. 572-579, 2018.

CAVALCANTE, M. C. B. Contribuições dos estudos multimodais para as pesquisas em aquisição da linguagem. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 21, p. 5-35, 2018.

CEBALLOS, A.G. C.; CARDOSO, C. Determinantes sociais de alterações fonoaudiológicas. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 14, p. 441-445, 2009.

CHNAIDERMAN, Miriam. Língua(s) - Linguagem(s)- Identidade(s)- Movimento(s): Uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado**. 2º Edição. São Paulo: Mercado de Letras Editora, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA (CFFa). Exercício profissional do fonoaudiólogo. 2002.

COUDRY, M.I. **Diário de Narciso: afasia e discurso**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUDRY, M.I. Diário de Narciso e Neurolinguística Discursiva: 30 anos depois. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 60, n. 2, p. 323-350, 2018.

COUDRY, M. I. H. et al. Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem. **Campinas: Mercado de Letras**, 2010.

COSTA, R. M. et al. Teorias da linguagem e correlação com a fonoaudiologia: conceito, linguística e variação do pensamento. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 56823-56844, 2021.

DARGUE, N.; SWELLER, N.; JONES, M.P. When our hands help us understand: A meta-analysis into the effects of gesture on comprehension. **Psychological Bulletin**, v. 145, n. 8, p. 765, 2019.

DAWES, E. et al. Oral literal and inferential narrative comprehension in young typically developing children and children with developmental language disorder. **International Journal of Speech-Language Pathology**, v. 21, n. 3, p. 275-285, 2019.

FEDOSSE, E. et al. Grupo interdisciplinar de convivência: uma intervenção em saúde ancorada na neurolinguística discursiva. **Estudos da Língua (gem)**, v. 17, n. 1, p. 23-36, 2019.

FERREIRA, C. et al. Seleção de vocábulos para implementação do Picture Exchange Communication System–PECS em autistas não verbais. Rev. **CoDAS**, v. 29, 2017.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

FONSECA, R. P. Bateria Montreal de avaliação da comunicação: estudos teóricos, sócio-demográfico, psicométrico e neuropsicológico. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, p. 207. 2006.

FONTE, R.F.L.; COSTA, N.Q. Fluência/Disfluência na gesticulação e na fala de sujeitos com gagueira. *Revista Prolíngua*, v. 12, n.1, p. 17-26, 2017.

FUGIWARA, R.V.E.; NOVAES-PINTO, R. C. Avaliação de compreensão nas afasias: o limite dos instrumentos metalinguísticos e a contribuição das análises discursivas. **Estudos Linguísticos**, v. 42, n. 2, p. 903-915, 2013.

GILBERT, M.; LIMA, A. "Vamos vencer o tráfico": análise verbo-visual da significação e do tema de uma palavra em uma capa da revista *Época*. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 12, p. 76-90, 2017.

GORI, M.; SCHIATTI, L.; AMADEO, M. B. Masking emotions: face masks impair how we read emotions. **Frontiers in Psychology**, v. 12, p. 669432, 2021.

HAGE, S.R.V.; PEREIRA, T.C.; ZORZI, J.L. Protocolo de Observação Comportamental-PROC: valores de referência para uma análise quantitativa. **Revista CEFAC**, v. 14, p. 677-690, 2012.

HOLLER, J.; LEVINSON, S. C. Multimodal language processing in human communication. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 23, n. 8, p. 639-652, 2019.

KIRK, E. et al. The relationship between infant pointing and language development: A meta-analytic review. **Developmental Review**, v. 64, p. 101023, 2022.

KOEHLER, C. et al. Alterações de linguagem em pacientes idosos portadores de demência avaliados com a Bateria MAC. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 17, p. 15-22, 2012.

KRUEL, C. S.; SOUZA, A. P. R. O desenvolvimento do bebê e sua complexa relação com determinantes sociais da saúde. **Psico-USF**, v. 23, p. 83-94, 2018.

LURIA, A.R. **A construção da mente**. 2. ed. São Paulo: Editora Ícone, 2015.

LURIA, A.R. **Desenvolvimento cognitivo**. 8. ed. São Paulo: Editora Ícone, 2017.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

LACROIX, Arianna N. et al. Effects of prosody on the cognitive and neural resources supporting sentence comprehension: A behavioral and lesion-symptom mapping study. **Brain and language**, v. 203, p. 104756, 2020.

MEDRADO, C. S.; SOBRINHO, F. N. Prática Baseada em Evidência (PBE) em Fonoaudiologia. **Distúrbios da Comunicação**, v. 28, n. 2, 2016.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORATO, E. M. Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. **Educação & Sociedade**, v. 21, p. 149-165, 2000.

MORATO, E. M. Das relações entre linguagem, cognição e interação—algumas implicações para o campo da saúde. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 16, p. 575-590, 2016.

MOREIRA, L. F. C. et al. Alterações fonológicas e determinantes sociais: casos atendidos em um ambulatório de avaliação fonoaudiológica. **Distúrbios da Comunicação**, v. 32, n. 4, p. 595-604, 2020.

MURAD, M. H. et al. New evidence pyramid. **BMJ Evidence-Based Medicine**, v. 21, n. 4, p. 125-127, 2016.

NEIVA, T. M. A.; GAMA, A. C.C.; TEIXEIRA, L.C. Expressividade vocal e corporal para falar bem no telejornalismo: resultados de treinamento. **Revista CEFAC**, v. 18, p. 498-507, 2016.

NETO, J. C. C.; SANTOS, A. P. A entrevista como um gênero do discurso: conceitos e fundamentos. **Rev. Travessias**, v. 11, n.1, p. 244– 269, 2017.

NETTO, B.R. Concepções de professores de IES sobre o desempenho comunicacional e expressivo articuladas à avaliação de discentes sobre esta performance. **Revista CEFAC**, v. 15, p. 25-39, 2013.

NÓBREGA, P. V. Á.; CAVALCANTE, M. C. B. Aquisição de linguagem e dialogia mãe-bebê: o envelope multimodal em foco em contextos de atenção conjunta¹. **Revista Investigações-Vol**, v. 25, n. 2, 2012.

NOVAES-PINTO, R. C. Do fonológico ao discursivo: hipóteses sobre a produção da chamada “fala telegráfica” no contexto das afasias. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 49, n. 1, p. 135-151, 2020.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

ÖZER, D.; GÖKSUN, T. Gesture use and processing: A review on individual differences in cognitive resources. **Frontiers in Psychology**, v. 11, p. 573555, 2020.

PEDROTTI, C. A.; BEHLAU, M. Recursos comunicativos de executivos e profissionais em função operacional. In: **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2017.

PELOSI, M. B. et al. Atividades lúdicas para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita para crianças e adolescentes com Síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, p. 535-550, 2018.

PENTEADO, R. Z.; GHIRARDI, A. C. A. M. Fonoaudiologia nas práticas educacionais de formação de jornalistas—estudo de revisão. **Distúrbios da Comunicação**, v. 29, n. 3, p. 487-497, 2017.

PENTEADO, R. Z.; PECHULA, M. R. Expressividade em jornalismo: interfaces entre Comunicação, Fonoaudiologia e Educação. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 41, p. 153-166, 2018.

QUEIJO, M. E. DA S. Corpus e objeto em perspectiva dialógica: uma análise em obras de M. Bakhtin. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 17, n. 2, p. 89–117, abr. 2022.

RIBARIC, M.E. Silêncio e Intertextualidade: O Discurso Poético na Publicidade Audiovisual de Wong Kar-wai. **Comunicação & Sociedade**, v. 42, n. 2, p. 247-281, 2020.

ROCHA, P. C.; ROCHA, D. C.; LEMOS, S. M. A. Letramento funcional em saúde na adolescência: associação com determinantes sociais e percepção de contextos de violência. **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2017.

RODRIGUES, A. L. V.; MEDEIROS, A. M.; TEIXEIRA, L.C. Impressões auditivas da voz do professor na percepção de alunos, professores e leigos. **Audiology-Communication Research**, v. 23, 2018.

ROMBOUTS, E. et al. Gesture–speech integration is related to vocabulary skills in children with developmental language disorder, Williams syndrome and typical development. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v. 58, n. 1, p. 206-220, 2023.

RUIZ, T. B. diretrizes metodológicas na análise dialógica do discurso: o olhar do pesquisador iniciante. **Rev. Diálogos**, v. 5, n. 1, 2017.

RUSIG, J.; RAYMONDI, P. S. S.V.; PALLADINO, R. R. R. Caracterização do perfil de profissionais atuantes em processos de coaching e o trabalho em comunicação. **Distúrbios da Comunicação**, v. 33, n. 3, p. 388-403, 2021.

SÁ, T.B. F.et al. Construção de um instrumento para avaliar a compreensão da linguagem oral de crianças de 2 a 6 anos. **Distúrbios da Comunicação**, v. 30, n. 1, p. 158-169, 2018.

SAMPAIO, G. R.; MOREIRA, E. Caracterização dos distúrbios comunicativos em indivíduos pós AVCI por meio da aplicação adaptada da bateria MAC. **Distúrbios da Comunicação**, v. 28, n. 3, 2016.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 565–582, 2005.

SANTANA, A.P.; SANTOS, K.P. A perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin e a análise da linguagem na clínica fonoaudiológica. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 12, p. 174-190, 2017.

SANTOS, K. P. dos; SANTANA, A. P. A fluência na clínica fonoaudiológica: um conceito heterogêneo e multifacetado. *Estudos da Língua(gem), [S. l.]*, v. 17, n. 1, p. 109-125, 2019.

SANTOS et. al. A avaliação da compreensão e a expressividade na cena enunciativa. In: Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, XXX, 2022, São Pessoa. ANAIS, 2022.

SANTOS, M. F. et al. **O silêncio no setting terapêutico: um estudo com estagiários de psicologia hospitalar.** Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde, PE– Recife, p.26, 2022.

SANTOS, T.D.; FERREIRA, L. P. A expressividade na avaliação da comunicação do profissional da voz: revisão da literatura. **Revista CEFAC**, v. 21, 2019.

SANTOS, T.D.; FERREIRA, L. P. Expressividade do profissional da voz: processo de construção de um roteiro fonoaudiológico de observação. In: **CoDAS**. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2020.

SANTOS, T. D.; SILVA, M. A. A. Comunicação não verbal com profissionais da voz: o que se pesquisa na fonoaudiologia. **Revista Cefac**, v. 18, p. 1447-1455, 2016.

SANSAVINI, A. et al. Developmental language disorder: Early predictors, age for the diagnosis, and diagnostic tools. A scoping review. **Brain Sciences**, v. 11, n. 5, p. 654, 2021.

SENHORINI, Gisele et al. O processo terapêutico nas afasias: implicações da neurolinguística enunciativo-discursiva. **Revista CEFAC**, v. 18, p. 309-322, 2016.

SILVA, R.C.; SANTANA, A. P. O. Prosódia na Libras—um estudo do Corpus do Enem-2017. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 1963-1978, 2021.

SILVA, E. C.; PENTEADO, R. Z. Caracterização das inovações do telejornalismo e a expressividade dos apresentadores. **Audiology-Communication Research**, v. 19, p. 61-68, 2014.

SOUSA, L. F. L.; LEAL, A. L.; SENA, E. F. C. A importância da comunicação não-verbal do professor universitário no exercício de sua atividade profissional. **Revista CEFAC**, v. 12, p. 784-787, 2010.

STELLA, P. R.; BRAIT, B. Contexto como espaço de criação e cocriação: um olhar sobre obras de Bakhtin e o Círculo. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 17, n. 2, p. 58–88, abr. 2022.

SUGAHARA, M. K. et al. Estudo exploratório sobre análise multimodal da atenção compartilhada. **Audiology-Communication Research**, v. 27, 2022.

TARVAINEN, S.; LAUNONEN, K.; STOLT, S. Oral language comprehension interventions in school-age children and adolescents with developmental language disorder: A systematic scoping review. **Autism & developmental language impairments**, v. 6, p. 23969415211010423, 2021.

TARVAINEN, S.; STOLT, S.; LAUNONEN, K. Oral language comprehension interventions in 1–8-year-old children with language disorders or difficulties: A

systematic scoping review. **Autism & developmental language impairments**, v. 5, p. 2396941520946999, 2020.

TEIXEIRA, B. S. et al. Compreensão oral e leitora e consciência sintática nas alterações de leitura e escrita. **Revista CEFAC**, v. 18, p. 1370-1378, 2016.

TRUJILLO, J.P.; HOLLER, J. Interactionally embedded gestalt principles of multimodal human communication. **Perspectives on Psychological Science**, p. 17456916221141422, 2023.

UCEDO, D. M.; SANTOS, K. P.; SANTANA, A. P. O. A linguagem na Demência Frontotemporal: uma análise à luz da Neurolinguística Enunciativo-Discursiva. **Rev. CoDAS**, v. 88040, p. 310, 2017.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

VIOLA, I.C.; GHIRARDI, A.C.A.M.; FERREIRA, L.P. Expressividade no rádio: a prática fonoaudiológica em questão. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 16, p. 64-72, 2011.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

WILSON, S. M. et al. Neural correlates of syntactic processing in the nonfluent variant of primary progressive aphasia. **Journal of Neuroscience**, v. 30, n. 50, p. 16845-16854, 2010.

ZHANG, Ye et al. More than words: Word predictability, prosody, gesture and mouth movements in natural language comprehension. **Proceedings of the Royal Society B**, v. 288, n. 1955, p. 20210500, 2021.

YIN, R. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Identificação:

Nome

idade:

Formação (especialização, mestrado, doutorado): Possui pós-graduação? Se sim, em que área?

Além da formação em fonoaudiologia, possui outra graduação?

Qual área de atuação?

A minha pesquisa é sobre avaliação da compreensão no público infantil. Então, as perguntas que eu vou fazer se refere a crianças de 1 a 12 anos, típicas e atípicas (qualquer diagnóstico de linguagem — apraxia, dislexia, transtorno fonológico, TEA, síndromes, TPAC etc., deficiência auditiva). Qualquer questão de linguagem oral ou escrita. (oralizado).

1. O que é compreensão da linguagem, para você? O que é compreender? Fala um pouco sobre isso. Você faz alguma relação com as teorias da linguagem?
2. Qual a relação que você estabelece entre compreensão e expressão?
3. Na sua opinião, que aspectos podem promover/desenvolver a compreensão da linguagem? ou estão envolvidos na compreensão? (compreensão verbal e não verbal).
4. Na sua opinião, de que forma você considera a sua participação na compreensão do seu paciente? (a forma como fala, expressão facial, gestos etc...). E como que você compreende seu papel no processo da compreensão da linguagem oral? (falante e ouvinte).
5. Você sempre avalia **a compreensão da linguagem oral** de um paciente com queixa de linguagem (oral ou escrita)? (infantil de 1 a 12 anos). Se a criança não tem queixa de compreensão você avalia mesmo assim? Comenta um pouco sobre isso.
6. Você utiliza alguma anamnese pré-construída? Que perguntas tem no seu protocolo que têm relação com a compreensão? Você faz alguma pergunta

específica sobre compreensão da linguagem? (Pode comentar um pouco sobre isso?)

7. Que aspectos da compreensão oral você avalia? (vocabulário, sintaxe, semântica, narrativas, inferências, metáforas, prosódia). Pode dar exemplos? (veja se relaciona a idade) De que forma? (falar sobre esses testes, uso de instruções faladas ou gravadas, filme etc). Não somente nos aspectos linguísticos, mas também quanto aos aspectos cognitivos (memória, atenção, planejamento), emocionais e afetivos
8. Quando você faz avaliação da compreensão você faz diferença da faixa etária? Exemplo.
9. Você avalia a compreensão não verbal? (expressividade, por exemplo, gestos, expressão facial, vocalizações, gestos corporais?) De que forma? (falar sobre esses testes, uso de instruções faladas ou gravadas, filme etc).
10. Quando a criança não compreende, você utiliza alguma estratégia para se fazer compreender? (utiliza gestos? gravuras? imagens?)
11. Caso seu paciente tenha alteração de compreensão, de que forma você deixa isso marcado no diagnóstico ou relatório fonoaudiológico (termos utilizados). Pode exemplificar.
12. Qual a sua opinião sobre a avaliação que você utiliza atualmente?
13. Você acha que a sua avaliação norteia o seu trabalho terapêutico? De que forma? (Pode dar algum exemplo de como você trabalha a compreensão da linguagem na terapia?)
14. Você se sente seguro com relação a sua formação para a avaliação para a compreensão? Poderia comentar um pouco sobre isso? (na graduação e fora dela)
15. Como você se sentiu ao responder esse questionário? Quer fazer mais alguma observação?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Profissionais

1. Sobre o que é a pesquisa?

Você está sendo convidado (a) a participar **voluntariamente** de uma pesquisa cujo título é **A expressividade em cena no processo da avaliação da linguagem compreensiva**. O objetivo desta pesquisa é analisar a importância da expressividade de profissionais da fonoaudiologia no processo de avaliação da compreensão oral através da autopercepção dos profissionais pesquisados.

2. Como será a participação na pesquisa?

Sua participação é voluntária e se dará a partir de uma entrevista semiestruturada, sendo gravada pelo pesquisador para transcrição e melhor análise posterior.

3. Haverá gastos para participar desta pesquisa?

Não haverá nenhuma despesa ou custos para participar da pesquisa. Caso você tenha alguma despesa ou qualquer prejuízo financeiro em decorrência desta pesquisa, você tem garantia de ressarcimento.

4. E se eu sofrer algum dano associado à pesquisa?

Em casos de danos, materiais ou imateriais, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, **você tem direito a indenização**. Isso porque, o pesquisador responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que está posto na Resolução do Conselho Nacional de Saúde, no 466 (12 de dezembro de 2012), que trata dos preceitos

éticos e da proteção dos participantes da pesquisa. Este TCLE foi elaborado de acordo com esses preceitos, itens IV.3 e IV.4

5. Há algum risco ao participar dessa pesquisa?

É importante saber que toda pesquisa envolve algum **risco**, ainda que este seja mínimo:

- Durante as respostas é possível que o participante se sinta **ansioso, constrangido, incomodado ou entediado**, que sejam evocadas **memórias e sentimentos** nem sempre agradáveis para responder. Ele pode realizar pausas e complementar as respostas depois ou mesmo desistir. É também garantido ao participante que ele **desista** de participar da pesquisa a qualquer momento, se assim preferir. Se optar pelo modo on line, pode parar de responder ou dar uma pausa. você decide o melhor momento para responder.
- Embora a identidade do participante seja mantida em **sigilo**, e seu **anonimato** esteja garantido, sempre devemos considerar a eventualidade de **quebra de sigilo**, ainda que não intencional, por roubo de equipamento, por exemplo. Contudo, serão observadas todas as medidas de segurança de dados para que isso não aconteça,

6. Qual o benefício dessa pesquisa para quem participar?

Espera-se que essa pesquisa possa contribuir com os estudos da fonoaudiologia e compreender sobre o papel da expressividade no processo da avaliação da compreensão. Assim como, contribuir com pesquisas futuras relacionadas à expressividade e à compreensão.

7. Eu tenho algum órgão de proteção por participar dessa pesquisa?

Tem sim! Essa pesquisa é baseada na **Resolução CNS 466/12**, que se preocupa em garantir a proteção devida aos participantes das pesquisas, com a ética de ter respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas. Declaramos conhecer e cumprir os requisitos da Lei Geral de Proteção de Dados (Lei No 13.709, de 14 de agosto de 2018) quanto ao tratamento de dados pessoais e dados pessoais sensíveis que serão utilizados para a execução do presente projeto de pesquisa.

Além disso, essa pesquisa conta com a aprovação do **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos** (CEPSH-UFSC), que é um órgão “criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos”, ou seja, é muito importante entender que esse órgão serve para proteger o participante. Assim, o participante ou seu responsável são livres para entrar em contato com esse órgão. O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC) fica localizado no **Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, n.º 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, telefone (48) 3721-6094, e-mail cep.propesq@contato.ufsc.br** .

8. E se houver dúvidas, como entrar em contato com o pesquisador?

Você pode entrar em contato com a minha supervisora:

- Profa. Dra. Ana Paula Santana (Supervisora), telefone:(48) 3721-4912, (48) 37219394, Fax: (48) 37219542, Email: anaposantana@hotmail.com.

End Profissional: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Coordenadoria Especial de Fonoaudiologia –Curso de Fonoaudiologia. Campus Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, CEP 88040970 - Florianópolis, SC – Brasil.

É importante que você tenha entendido as informações acima, por isso, caso você tenha alguma dúvida ou não tenha compreendido alguma palavra, sinta-se à vontade para fazer perguntas. **Você não é obrigado a participar da pesquisa e pode desistir de fazer parte da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo a sua pessoa ou suas relações pessoais e profissionais.** Caso você tenha entendido as informações e queira voluntariamente participar da pesquisa, assine abaixo este termo em duas vias. **Uma dessas vias ficará com você.**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, fui informado(a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias

que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Florianópolis/SC, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do participante)

(Assinatura do Pesquisador)

ESCLARECIMENTOS SOBRE AS ENTREVISTAS

O estudo poderá ser apresentado em congressos, palestras, publicado em periódicos científicos. Sua identidade, seu nome, seus dados, nunca serão intencionalmente revelados. **Lembrando, contudo, que embora a identidade do participante estritamente seja sigilosa e os pesquisadores se esforcem para manter o sigilo, é pertinente considerar que há o risco de quebra de sigilo, ainda que não intencional, pelo uso de registros.** Todos os itens acima, de 3 a 8 também se aplicam às gravações.

É importante que você tenha entendido a informação acima, por isso, caso você tenha alguma dúvida ou não tenha compreendido alguma palavra, sinta-se à vontade para fazer perguntas. **Você não é obrigado a participar da pesquisa e pode desistir de fazer parte da pesquisa a qualquer momento (antes, durante ou mesmo depois da gravação).** Caso você tenha entendido as informações e autorize o uso de sua imagem nessa pesquisa, assine abaixo este termo em duas vias. **Uma dessas vias ficará com você.**

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO:

Eu _____
permito que o pesquisador responsável pela pesquisa **A expressividade em cena no processo da avaliação da linguagem compreensiva obtenha** entrevista de _____ (mim mesma ou nome do participante, pessoa pela qual é responsável), para fins de pesquisa. Eu concordo que o material

e informações obtidas relacionadas à minha pessoa ou à pessoa por quem sou responsável possam ser publicados em congressos, palestras ou periódicos científicos. Porém, **não** deve haver, em hipótese alguma, identificação por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso. As entrevistas ficarão sob a propriedade do pesquisador e, sob a guarda da mesma.

Florianópolis/SC, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do participante)

(Assinatura do Pesquisador)

ANEXO I – ESTRUTURA DO MANUSCRITO

Artigos originais

São trabalhos destinados à divulgação de resultados originais e inéditos de pesquisa científica. Devem conter os seguintes itens: Resumo e descritores, Abstract e *keywords*, Introdução, Métodos, Resultados, Discussão, Conclusão e Referências.

- Introdução: deve apresentar uma breve revisão de literatura, contextualizando o trabalho, que justifique os objetivos do estudo. Os objetivos devem ser apresentados ao final da introdução, sem iniciar uma nova seção.

- Métodos: devem ser descritos com o detalhamento necessário e incluir apenas as informações relevantes para que o estudo possa ser reproduzido.

- Resultados: devem ser interpretados, indicando a relevância estatística para os dados encontrados, não devendo, portanto, ser mera apresentação de tabelas, quadros e figuras. Os dados apresentados no texto não devem ser duplicados nas tabelas, quadros e figuras e/ou vice e versa. Recomenda-se que os dados recebam análise estatística inferencial para que sejam mais conclusivos.

- Discussão: os resultados devem ser discutidos e comparados aos estudos da literatura pertinente. Não deve repetir os resultados nem a introdução.

- Conclusão: deve responder concisamente aos objetivos propostos, indicando clara e objetivamente qual é a relevância do estudo apresentado e sua contribuição para o avanço da Ciência.

- Referências: das referências citadas (máximo 30), pelo menos 70% deverão ser constituídas de artigos publicados em periódicos da literatura nacional e estrangeira, preferencialmente nos últimos cinco anos.

O número de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, bem como a afirmação de que todos os sujeitos envolvidos (ou seus responsáveis) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Resolução MS/CNS/CNEP nº 196/96 de 10 de outubro de 1996), no caso de pesquisas envolvendo pessoas ou animais (assim como levantamentos de prontuários ou documentos de uma instituição), são obrigatórios e devem ser citados no item Métodos.